



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Djalma Moreira Mota Júnior

**Sexualidade e Sofrimento Social: revisão de literatura e histórias de
vida à luz da Teoria da Subjetividade de González Rey**

Uberlândia

2025



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Djalma Moreira Mota Júnior

**Sexualidade e Sofrimento Social: revisão de literatura e
histórias de vida à luz da Teoria da Subjetividade de**

González Rey

Dissertação apresentado ao
Programa de Pós- Graduação em
Psicologia – Mestrado, do
Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito
parcial à obtenção do Título de
Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Renata
Fabiana Pegoraro

Uberlândia

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M917
2025

Mota Júnior, Djalma Moreira, 1992-
Sexualidade e Sofrimento Social: revisão de literatura
e histórias de vida à luz da Teoria da Subjetividade de
González Rey [recurso eletrônico] / Djalma Moreira Mota
Júnior. - 2025.

Orientadora: Renata Fabiana Pegoraro.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5>
Inclui bibliografia.

1. Psicologia. I. Pegoraro, Renata Fabiana, 1974-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 479, PPGPSI				
Data:	Seis de fevereiro de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	10:00	Hora de encerramento:	12:00
Matrícula do Discente:	12222PSI008				
Nome do Discente:	Djalma Moreira Mota Júnior				
Título do Trabalho:	Sexualidade e sofrimento social: revisão de literatura e histórias de vida à luz da Teoria da Subjetividade de González Rey				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	História de vida como ferramenta de pesquisas qualitativas em contextos de saúde e educação				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: José Fernando Patiño Torres - Unb; Cristina Vianna Moreira dos Santos - UFT; Renata Fabiana Pegoraro, orientadora do candidato. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que o Prof. Dr. José Fernando Patiño Torres participou da cidade de Brasília - DF, a Prof.^a Dr.^a Cristina Vianna Moreira dos Santos da cidade de Miracema do Tocantins -TO, a Prof.^a Dr.^a Renata Fabiana Pegoraro da cidade de Uberlândia - MG e o discente de Djalma Moreira Mota Júnior da cidade de Patos de Minas - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dr.^a Renata Fabiana Pegoraro, apresentou a comissão examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público e concedeu ao discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação

interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Renata Fabiana Pegoraro, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/02/2025, às 12:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristina Vianna Moreira dos Santos, Usuário Externo**, em 06/02/2025, às 13:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Fernando Patino Torres, Usuário Externo**, em 06/02/2025, às 13:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6054400** e o código CRC **4798B706**.

Referência: Processo nº 23117.005192/2025-03

SEI nº 6054400

Djalma Moreira Mota Júnior

***Sexualidade e sofrimento social: revisão de literatura e histórias de vida à luz
da Teoria da Subjetividade de González Rey.***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Orientador(a): Prof. Dra. Renata Fabiana Pegoraro

Banca Examinadora

Uberlândia, 06 de Fevereiro de 2025.

Prof. Dra. Renata Fabiana Pegoraro (Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr José Fernando Patino Torres (Examinador)

Universidade de Brasília - Brasília, DF

Prof. Dra. Cristina Vianna Moreira dos Santos (Suplente)

Universidade Federal do Tocantins – Miracema, TO

UBERLÂNDIA, 2025

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo às vidas que persistem, ao desafiarem o peso das normas e recriarem sentidos nas margens da binaridade. Aos que percorrem caminhos nem sempre claros, carregando consigo a coragem de existir e iluminam lugares onde a luz é constantemente negada.

Dedico estas páginas também a você, que as lê, com a esperança de tornar a ciência um ato de escuta e um abraço em forma de palavra. Que ela seja democrática, rompa os muros das universidades e se transforme em morada para sonhos interrompidos e histórias que esperam um espaço para serem narradas.

Por fim, dedico este trabalho à memória de todas as vozes silenciadas e invisibilizadas, que, em sua coragem e potência, abriram caminhos para que eu pudesse estar aqui. Que suas histórias inspirem futuros mais justos e acolhedores.

AGRADECIMENTOS

A capacidade de escrever, que sempre foi leve e orgânica, pareceu complexa ao me deparar com a tarefa de refletir e expressar minha gratidão nessa seção. Talvez porque agradecer seja, por si só, um gesto que transborda as palavras.

Agradeço, primeiramente, a Deus, cuja presença se manifesta nos detalhes da vida, na força interior que me sustenta, nos encontros relacionais e na beleza de como a natureza se revela.

Aos meus pais, sou grato pelo apoio incondicional, ainda que não compreendam a importância deste “mestrado” para mim. À minha avó Abadia (*in memoriam*), minha eterna gratidão. Seu afeto, orações e palavras de incentivo, como quando perguntava com simplicidade: “Júnior, como tá lá na escola?”, continuam a ecoar em meu coração. De você, aprendi um interesse genuíno pelo outro, que vejo refletido na nossa relação e que se tornou essencial para minha trajetória na psicologia, especialmente na escuta do que o outro tem a dizer. De onde estiver, quero que saiba que essa conquista também é sua. Te amo, vó!

Aproveito este momento para não apenas agradecer, mas também pedir desculpas aos meus amigos pela minha ausência e por, diversas vezes, envolvê-los em conversas nas quais buscava compartilhar e discutir os desafios deste estudo. Agradeço pela presença, paciência, disposição e reflexões que ajudaram nessa construção.

Em especial, ao Rodrigo, agradeço por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis, trazendo-me o chão quando eu sentia que poderia perdê-lo. Sua amizade foi mais do que um apoio na escrita; foi um suporte nos desafios da vida pessoal. Juntos, também vivemos o outro lado da moeda, compartilhando os momentos leves e de celebração. Por tudo isso, obrigado, meu amigo.

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Renata Fabiana Pegoraro, sou grato pela dedicação exemplar e maestria com que exerceu ao me orientar. Sua disponibilidade constante, abertura

ao diálogo e praticidade foram fundamentais para essa construção teórica. Além disso, sua empatia e compreensão diante dos meus momentos de fragilidade trouxeram um sentido de humanidade à experiência da pós-graduação, que desmistificou a visão rígida e distante que tantas vezes ouvi sobre as relações entre orientador e orientando. Reconheço que, mesmo diante das minhas falhas e atrasos, nosso trabalho foi uma experiência positiva, que aprendi não apenas sobre pesquisa e docência, mas também sobre viver.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, agradeço pela oportunidade de crescimento acadêmico e pessoal, que ampliou minha visão sobre os processos psicossociais em saúde e educação. Às colegas Fernanda Marqueto, Isabella Moré e Rafa Ripa, aos professores e aos profissionais que compartilharam esta caminhada, sou grato pela convivência pelas reflexões e pelos aprendizados construídos coletivamente.

À minha psicoterapeuta, Thalita Brum, minha mais sincera gratidão por sua presença acolhedora e essencial nos momentos mais difíceis. A sua escuta sensível e suas orientações me ajudaram a reencontrar o equilíbrio e a força necessários para seguir em frente. Mais do que isso, você me ajudou a transformar as perdas em aprendizados e a enxergar com clareza as potencialidades que, por vezes, eu não conseguia reconhecer em mim mesmo.

Por fim, agradeço à vida pelo impulso que me lançou em direção ao que, na infância e na adolescência, parecia distante. Este é apenas um ponto de partida. Que venha o futuro!

“Os efeitos colaterais da testosterona conseguem ser muito mais leves e simples se comparados aos efeitos colaterais da transição social.”

– M. C. (Paciente)

RESUMO

Essa dissertação, intitulada “Sexualidade e Sofrimento social: revisão de literatura e histórias de vida à luz da Teoria da Subjetividade de González Rey”, objetiva investigar as dinâmicas subjetivas referentes à sexualidade e ao sofrimento de pessoas trans em ambientes educacionais e sociais. Dessa forma, a dissertação foi organizada no formato de dois artigos que abordam a temática por diferentes perspectivas: uma revisão narrativa da literatura fundamentada na Teoria da Subjetividade (TS) e um estudo de caso baseado nas trajetórias de vida e acadêmicas a partir de entrevistas com estudantes trans da pós-graduação *stricto sensu*. O primeiro artigo, nomeado “Revisão Narrativa sobre as Contribuições da Teoria da Subjetividade de González Rey sobre Gênero e Sexualidade em Publicações Brasileiras”, apresenta uma análise dos manuscritos que utilizam a TS como referencial teórico para discutir gênero e sexualidade. A TS, proposta por Fernando González Rey, compreende a subjetividade como um constructo dinâmico e multifatorial, configurado por sentidos subjetivos originados de experiências individuais e interações sociais. Este artigo sugere que as normas sociais, as políticas de saúde, as práticas educacionais e os contextos familiares impactam significativamente na subjetividade de pessoas LGBTQIA+, gerando sofrimento psíquico e, por outro lado, processos de construção de sentidos subjetivos e empoderamento. Enquanto isso, as redes de apoio e intervenções psicoterapêuticas apontam como fatores essenciais para o bem-estar e segurança dessas populações, evidenciando a TS como uma ferramenta adequada para compreender e intervir em questões complexas acerca de gênero e sexualidade. Já o segundo artigo, intitulado “Sofrimento social na trajetória de vida de pessoas trans”, utiliza a metodologia de História de Vida Oral Temática para investigar as experiências de Caetano e Klaus, matriculados/as em programas de pós-graduação no Brasil. A pesquisa qualitativa contribuiu ao evidenciar os impactos do sofrimento social na trajetórias de vida e acadêmicas de participantes, principalmente, ao identificar as barreiras estruturais e

simbólicas enfrentadas por esse grupo em contextos de exclusão e discriminação. A análise das entrevistas à luz da TS expôs que as configurações subjetivas desses indivíduos são atravessadas pela precariedade das relações sociais e pela busca incessante por reconhecimento e pertencimento, mas também pela criação de novos sentidos subjetivos em espaços hostis. A convergência entre os dois artigos favorece uma compreensão panorâmica das dinâmicas de gênero e sexualidade, ao articular aspectos teóricos e práticos para enfatizar a importância da TS como referencial na psicologia. Enquanto o primeiro artigo fundamenta teoricamente as dificuldades e os avanços acerca da temática, o segundo dá corpo às discussões em experiências concretas de sujeitos que vivenciam constantemente as tensões sociais e culturais que estruturam o sofrimento social. Desta forma, conclui-se que esta dissertação contribui significativamente para o campo da psicologia ao oferecer uma perspectiva integrada sobre as relações entre gênero, sexualidade e sofrimento social, baseada na Teoria da Subjetividade de González Rey. Além disso, sugere caminhos para a promoção de práticas inclusivas e acolhedoras nos contextos psicossociais, promovendo maior compreensão e suporte para pessoas que participam da comunidade LGBTQIA+, principalmente, às pessoas trans.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Sofrimento Social; Teoria da Subjetividade.

ABSTRACT

This dissertation, titled “Sexuality and Social Suffering: Literature Review and Life Stories in Light of González Rey's Theory of Subjectivity,” aims to investigate the subjective dynamics related to sexuality and the suffering experienced by trans people in educational and social environments. Accordingly, the dissertation is structured in the format of two articles that approach the topic from different perspectives: a narrative literature review grounded in the Theory of Subjectivity (TS) and a case study based on the life and academic trajectories of trans graduate students through thematic oral history interviews. The first article, titled “Narrative Review on the Contributions of González Rey's Theory of Subjectivity to Gender and Sexuality in Brazilian Publications,” presents an analysis of manuscripts that utilize TS as a theoretical framework to discuss gender and sexuality. TS, proposed by Fernando González Rey, understands subjectivity as a dynamic and multifactorial construct, configured by subjective senses derived from individual experiences and social interactions. This article suggests that social norms, health policies, educational practices, and family contexts significantly impact the subjectivity of LGBTQIA+ individuals, generating both psychological distress and processes of subjective sense-making and empowerment. Meanwhile, support networks and psychotherapeutic interventions emerge as essential factors for the well-being and safety of these populations, highlighting TS as an appropriate tool for understanding and addressing complex issues related to gender and sexuality. The second article, titled “Social Suffering in the Life Trajectories of Trans People,” employs the Thematic Oral Life History methodology to investigate the experiences of Caetano and Klaus, who are enrolled in graduate programs in Brazil. This qualitative research contributed by highlighting the impacts of social suffering on the participants' life and academic trajectories, particularly by identifying the structural and symbolic barriers faced by this group in contexts of exclusion and discrimination. The analysis of the interviews through the lens of TS

revealed that these individuals' subjective configurations are shaped by the precariousness of social relationships and their relentless search for recognition and belonging, but also by the creation of new subjective meanings in hostile spaces. The convergence of the two articles provides a panoramic understanding of the dynamics of gender and sexuality, articulating theoretical and practical aspects to emphasize the importance of TS as a framework in psychology. While the first article theoretically grounds the challenges and advancements in the field, the second gives substance to these discussions through concrete experiences of individuals who continuously face the social and cultural tensions structuring social suffering. Thus, this dissertation significantly contributes to the field of psychology by offering an integrated perspective on the relationships between gender, sexuality, and social suffering, based on González Rey's Theory of Subjectivity. Additionally, it suggests pathways for promoting inclusive and welcoming practices in psychosocial contexts, fostering greater understanding and support for members of the LGBTQIA+ community, particularly trans individuals.

Keywords: Gender; Sexuality; Social Suffering; Theory of Subjectivity.

Lista de Quadros

Quadro 1 – Sintetização dos dados

Quadro 2 – Conceitos da Teoria da Subjetividade

Quadro 3 – Caracterização dos participantes

Lista de Siglas

AMTIGOS	Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos
CEUA	Comissão de Ética no Uso de Animais
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IES	Instituições de Ensino Superior
MBA	<i>Master Business Administration</i>
PNPG	Programa Nacional de Pós-Graduação
PPG	Programa de Pós-Graduação
PPGPSI	Programa de Pós-Graduação de Psicologia
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TS	Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey

Sumário

Apresentação	18
Conceito de gênero e identidades trans	21
Pós-graduação <i>lato</i> e <i>stricto sensu</i>	22
Pessoas trans e escolaridade/escolarização	23
O problema de pesquisa, os objetivos do estudo e o curso da pesquisa de campo.....	25
Artigo 1: Revisão narrativa sobre as contribuições da Teoria da Subjetividade de González Rey sobre gênero e sexualidade em publicações brasileiras	35
Artigo 2: Sofrimento social na trajetória de vida de pessoas trans	60
Considerações Finais	95
Referências	98
Apêndice A – Quadro auxiliar com a lista dos autores que mais foram citados nos artigos recuperados para análise.....	106
Apêndice B – Quadro auxiliar com os principais achados das produções recuperadas.....	107
Apêndice C: Roteiro para Entrevista de História Oral Temática	112
Apêndice D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	115
Anexo A: Convite para participação na pesquisa	118
Anexo B: Parecer e Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	119

Apresentação

Eu me chamo Djalma Moreira, sou homem cisgênero, homossexual e branco. Venho de uma família humilde, interiorana e de poucos estudos. Na minha família, fui o primeiro a concluir o ensino superior e dar continuidade aos estudos (duas pós *lato sensu* concluídas e, agora, no mestrado). O meu caminho até aqui foi nutrido de muito desejo e esforço para me contrapor às crenças que me fazem achar que sou incapaz de ocupar os lugares por onde passo.

Em 2013, iniciei a graduação em Psicologia no Centro Universitário de Patos de Minas. Participei de muitos eventos de extensão, principalmente daqueles que se referiam à temática de sexualidade e gênero. Por esse tema ser do meu interesse, realizava estudos individualmente, já que na época eu não conhecia nenhum grupo de estudos ou liga acadêmica na área. Além disso, durante o período da faculdade, eu trabalhei como secretário do Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos (CEP) e com animais (CEUA) na mesma instituição de ensino em que estudava. Nesse período, entrei em contato com pesquisa e também com o colegiado desse comitê, o que me fez enxergar a pesquisa e a docência como possibilidades de atuação profissional.

Em 2017, concluí a minha graduação em Psicologia e, em março de 2018, comecei a atender na área clínica. Gradualmente, transitei de uma carreira no serviço administrativo do comitê de ética para o consultório. Realizei duas especializações, em Orientação Profissional e em Psicologia Clínica com ênfase Existencial, Humanista e Fenomenológica. Além disso, participei de cursos específicos na área de sexualidade humana, oferecidos pelo Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (AMTIGOS) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e participei de eventos científicos ainda nessa temática.

No segundo semestre de 2020, após ter concluído a primeira especialização, fui

convidado pela coordenação do curso de Psicologia, da faculdade em que me graduei, para lecionar disciplinas de “dependência rateada” (Bases Epistemológicas e Históricas da Psicologia, Dinâmicas e Jogos Institucionais, Processos Básicos em Psicologia, Psicomotricidade e Psicologia da Gestação Puerpério e Infância). Essas disciplinas eram ofertadas para os estudantes que não conseguiram cursá-las em sua grade regular e precisavam completá-las separadamente, de forma rateada entre os interessados. As aulas aconteciam aos sábados, em horários diferentes dos períodos convencionais da faculdade. No segundo semestre de 2022 e no primeiro semestre de 2023, fui convidado para lecionar disciplinas regulares e supervisionar um grupo de estágio profissionalizante. Essas experiências na docência confirmaram o desejo e a vontade de seguir na carreira acadêmica, sendo o segundo motivo que me levou a prestar o processo seletivo para o mestrado.

Na clínica, atendi pela primeira vez um homem trans. Os relatos dele durante as sessões me tocavam muito. Em uma sessão específica, conversávamos sobre o trabalho dele que, escancaradamente, tinha atitudes/condutas transfóbicas. A loja em que ele trabalhava só contratava mulheres. Ele entrou neste emprego antes de transicionar. Numa ocasião em que a loja trocou de uniformes, ele recebeu o seu no modelo feminino. Então, precisou comprar uma camiseta básica da cor do uniforme de suas colegas e mandou bordar a logomarca da loja.

Além disso, outros episódios de transfobias aconteciam no contexto de trabalho; por exemplo, relatava que as colegas de trabalho diziam para os clientes “vai lá no setor x, porque tem uma menina que pode te ajudar a resolver isso” e, quando chegavam lá, se deparavam com ele. O relato era de muito desconforto para ambas as partes, da parte dele e dos clientes. Essa insistência em referi-lo no feminino era algo constante, mesmo após pedir repetidas vezes para ser tratado no masculino. Esses episódios também se repetiam fora do trabalho, como em casa com seus familiares, principalmente com a mãe.

Ainda nessa sessão, ao final dessa narrativa cheia de episódios de violências que

invalidam a sua existência, ele disse:

Djalma, sabe o que é pior... Acho que os efeitos colaterais da testosterona conseguem ser muito mais leves e simples se comparados aos efeitos colaterais da transição social. Eu só queria que as pessoas me respeitassem, afinal, será que é tão difícil assim me chamar pelo meu nome? Usarem o pronome certo? Receber o uniforme como qualquer outro colaborador, sem eu ter que gastar da minha grana para comprar uma camiseta e me sentir pertencente? Chamarem pelo meu nome social, quando estou na fila do postinho esperando pela minha consulta?... Enfim, é isso... [com expressão triste].

A partir dessa sessão, lembro que não fui mais o mesmo, enquanto pessoa e psicoterapeuta. Eu me emocionei ao ouvir aquele relato e voltei para casa bastante reflexivo sobre o que eu tinha vivenciado naquela sessão. Acredito que foi a partir dessa narrativa que quis intensificar meus estudos e produzir, social e cientificamente, para contribuir, de alguma maneira, com esse público. Na clínica, continuo desenvolvendo atendimentos clínicos sociais para esse público, além de ministrar aulas em ligas acadêmicas, minicursos e participações em programas de televisão e rádio locais a respeito desse tema.

Em relação à produção acadêmica, no trabalho de conclusão da pós em Orientação Profissional estudei a intersecção da transexualidade com o mercado de trabalho. Já no mestrado, proponho estudar, em uma pesquisa de campo, as experiências de pessoas trans na pós-graduação, tendo como objetivo principal identificar a existência e os motivos de sofrimento psíquico de estudantes trans da pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Além disso, os objetivos secundários tal qual registrados no projeto de pesquisa submetido para avaliação de Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos eram (1) caracterizar e descrever como se deu o acesso ao ensino superior e à pós-graduação *lato* e *stricto sensu*; (2) identificar os desdobramentos do sofrimento psíquico nos modos de vida e o percurso na pós-

graduação segundo esses estudantes.

Conceito de gênero e identidades trans

Entende-se que a sexualidade é um aspecto central na vida do ser humano que compreende sexo, gênero, identidades de gênero, orientação sexual, entre outros. O sexo biológico refere-se às características físicas que distinguem intersexo, endosexo feminino e endosexo masculino¹ (Ciasca, 2021). Em relação ao gênero, é uma construção social e cultural que define papéis, comportamentos e expectativas atribuídos a homens e mulheres, se considerada uma lógica estrutural e socialmente binária (Oliveira et al., 2021). Por outro lado, Hercowitz et al. (2021) afirmam que a identidade de gênero é a percepção interna e pessoal de pertencer a um gênero específico, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento. Já a orientação sexual, que geralmente é confundida com outros conceitos, se refere à atração romântica, afetiva e sexual por outras pessoas.

Atualmente, Oliveira et al. (2021) destacam que a sociedade ocidental se organiza estruturalmente em um modelo binário, considerando “ser homem” e “ser mulher” como duas possibilidades de existências – o que invisibiliza as identidades de gênero não binárias. Para essa discussão, Hercowitz et al. (2021) afirmam que essa divisão é feita a partir das genitálias e dos caracteres sexuais que, por sua vez, correspondem aos aspectos sociais e culturais, além de atenderem aos papéis de gênero estabelecidos. Sendo assim, entende-se que pessoas cisgênero são aquelas que se identificam com o gênero atribuído no nascimento. Por outro lado, consideram-se pessoas transgênero aquelas que não se identificam com o gênero atribuído ao nascimento.

De acordo com Bento (2017), é importante destacar que o termo “trans” é

¹ O termo “intersexo” é usado para pessoas cujas características biológicas, como os órgãos genitais ou cromossomos, não seguem o padrão de masculino ou feminino, sugerindo a diversidade natural dos corpos. Já o termo “endosexo feminino” refere-se a pessoas cujas características seguem o padrão típico associado ao sexo feminino, como ter cromossomos XX, ovários e vulva. Em contrapartida, o “endosexo masculino” é um termo usado para descrever pessoas com características que seguem o padrão masculino, como cromossomo XY, testículos e pênis (Ciasca, 2021).

considerado “guarda-chuva” para se referir às identidades transexuais, tais como mulher trans, travestis, transexuais, homem trans. Em relação às pessoas não binárias, Battaglia et al. (2021) afirmam que elas são consideradas pessoas trans por não se identificarem com o gênero imposto ao nascimento, visto que elas não se reconhecem nem como homem e nem mulher. Dessa forma, a não binariedade pode causar um estranhamento por romper com o modelo social que insiste em reconhecer apenas esses dois gêneros – o que retoma à discussão proposta por Oliveira et al. (2021).

Pós-graduação *lato e stricto sensu*

As pós-graduações *lato sensu* compreendem programas de especialização, residência médica e multiprofissional, e incluem os cursos designados como MBA (*Master Business Administration*), com duração mínima de 360 horas. Essa modalidade é caracterizada por uma abordagem mais direcionada, focada na capacitação profissional e, geralmente, tem menor duração em comparação com os programas *stricto sensu*, tornando-a uma opção atrativa para aqueles que buscam uma formação mais rápida e aplicável ao mercado de trabalho (MEC, 2024).

Em contraste, de acordo com MEC (2024), a pós-graduação *stricto sensu*, que engloba os mestrados e doutorados, tem como principal objetivo a formação de pesquisadores/as e docentes, proporcionando uma compreensão mais profunda e ampla dos campos de estudo, além do desenvolvimento de habilidades de pesquisa e produção de conhecimento original. Dessa forma, enquanto a pós-graduação *lato sensu* enfatiza a aplicação prática do conhecimento, a *stricto sensu* concentra-se na produção e avanço do conhecimento científico.

O Programa Nacional de Pós-Graduação (PNPG), coordenado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), desempenha um papel importante no desenvolvimento acadêmico e científico do Brasil. O principal objetivo do PNPG é

promover a formação de recursos humanos altamente qualificados, incentivando a pesquisa e a inovação em diversas áreas do conhecimento. O programa é estruturado com base em diretrizes estratégicas que buscam ampliar a oferta de cursos de pós-graduação, melhorar a qualidade do ensino e da pesquisa, e fomentar a inserção internacional dos programas brasileiros (MEC, 2024).

O PNPG é revisado periodicamente para responder às demandas emergentes da sociedade e do mercado de trabalho. O PNPG 2011-2020 focou na expansão da pós-graduação, equidade regional e inovação. Após seu término, houve uma lacuna até o PNPG 2024-2028, atualmente em versão preliminar, que busca atualizar essas metas. Entre os objetivos principais estão a expansão da pós-graduação *stricto sensu*, a consolidação de programas de excelência, o incentivo à inovação e ao empreendedorismo acadêmico, e o estímulo à internacionalização. Essas ações visam não apenas aumentar o número de mestres e doutores formados no país, mas também garantir que esses profissionais estejam preparados para enfrentar desafios contemporâneos e contribuir significativamente para o desenvolvimento socioeconômico e cultural do Brasil (MEC, 2024).

Pessoas trans e escolaridade/escolarização

De forma geral, pesquisas com alunos de cursos de pós-graduação no Brasil têm destacado a presença de sofrimento psicológico por parte dos alunos, sendo a evasão e os comportamentos de ideação suicidas apontados como decorrentes (Reis et al., 2021; Ramos et al., 2021; Zotesso, 2021; Silva et al., 2024). Segundo esses estudiosos, o uso de psicotrópico e tratamento psiquiátrico são utilizados para o enfrentamento às exigências dos programas de pós-graduação e preservarem a produtividade nas produções e publicações.

Não bastassem esses desafios, fatores como renda familiar, cor/etnia, gênero, aspectos socioeconômicos e culturais também dificultam a jornada acadêmica no ensino superior (Lima, 2020). Segundo a autora, é possível identificar e diagnosticar desigualdades

sociais reproduzidas e reforçadas por atitudes discriminatórias ou silenciamento por parte do corpo docente. Consequentemente, o acesso à educação superior se restringe a uma camada privilegiada da sociedade por meio do processo de seleção histórica, a partir das diferenças econômicas e culturais (Scote & Garcia, 2020).

Posto isto, pessoas trans têm ainda mais dificuldade para concluir o processo de escolarização obrigatório, mesmo que questões de gênero e sexualidade tenham obtido relevância em políticas e legislações vinculadas ao campo da educação (Lima, 2020; Scote & Garcia, 2020). O estudo de Scote (2017) evidencia a evasão escolar de travestis e o baixo número de inserção no ensino superior. A pesquisa entrevistou 138 pessoas trans e travestis que frequentaram a escola; destas, apenas 6,5% delas relataram ter iniciado o ensino superior e somente 2,2% declararam concluí-lo.

Levando em consideração os níveis elevados de exclusão da população trans das escolas, percebe-se uma lacuna na vida escolar dessas pessoas, uma vez que aspectos como a falta de acolhimento, a discriminação, o preconceito institucional e os desafios em reconhecer e abordar questões de gênero contribuem para a expulsão e, consequentemente, a evasão escolar. Esses fatores não apenas dificultam a sequência nos estudos, mas também minimizam as possibilidades de inserção no ensino superior, somando-se às barreiras socioeconômicas que atingem no ingresso e na permanência das pessoas trans no cenário acadêmico (Silva & Vaz, 2019).

De acordo com Lenning e Buist (2013), a inclusão e a igualdade para pessoas trans no contexto educacional são temas relevantes nas pesquisas, mostrando as dificuldades que esses estudantes enfrentam em vários níveis de ensino, como a falta de reconhecimento e respeito à identidade de gênero, a discriminação e o preconceito, o despreparo dos professores e dos gestores. Para minimizar esses problemas, torna-se fundamental aderir políticas como o uso de nomes sociais e capacitação de professores, desde a formação inicial até à continuada,

acerca de gênero e sexualidade. Essas medidas podem melhorar a vivência escolar destes/as alunos/as. Além disso, a presença de pessoas trans nesses espaços contribui para enfrentar preconceitos e estereótipos, criando um ambiente mais plural.

A partir das considerações desta busca bibliográfica inicial, foram estabelecidos os objetivos para a etapa de pesquisa de campo.

O problema de pesquisa, os objetivos do estudo e o curso da pesquisa de campo

O interesse em investigar essa temática relacionada a esse público surge a partir da experiência clínica do pesquisador, como já destacado. Mobilizado pelas nuances do sofrimento social apresentadas por essa população, que se desdobram em uma série de experiências de violações de direitos e vários tipos de violências, surgem inúmeras reflexões no que se refere aos impactos biopsicossociais que esse grupo vivencia.

Posto isto, o sofrimento social é compreendido como uma condição estritamente ligada à vulnerabilidade estrutural de uma sociedade que promove a autonomia individual como norma social, mas peca em fornecer os suportes institucionais e proteções formais necessários para que essa autonomia seja alcançada. Esse sofrimento emerge da precarização das relações sociais, em que a desinstitucionalização e a privatização das atividades sociais agravam as fragilidades individuais. O sofrimento não é isolado, visto que essa dor se instala nas zonas de fragilidade social, atingindo a saúde, o trabalho, os vínculos sociais e afetivos, e até mesmo os sonhos e desejos. Essas perdas, ou o medo constante de perdê-las, sucitam as dificuldades inerentes à vida em uma sociedade onde as proteções sociais estão em declínio, levando a um estado de impedimento e dificuldade de viver plenamente (Werlang & Mendes, 2013).

Provocado por essas questões, realizei uma busca rápida no Google Acadêmico, sem recorte temporal, utilizando as palavras-chave ‘transexualidade’, ‘educação superior’ e ‘pós-graduação’. Essa busca encontrou 647 resultados, com predominância de estudos de caráter

biológicos e na área do direito (Menezes & Lins, 2018; Sturza & Schorr, 2015; Spizzirri, 2017; Lima & Cruz, 2016). Contudo, identificaram-se poucos estudos referentes aos processos psicossociais na educação, sendo grande parte delas relacionadas desde a educação básica à pós-graduação.

Devido à escassez de produções acadêmicas na área, surgiu a necessidade de investigar essa temática específica. Isso levou à formulação do problema de pesquisa: “Qual é a experiência de pessoas trans no que tange ao sofrimento social dentro de programas de pós-graduação?”. Este estudo visava, à época do exame de qualificação, preencher uma lacuna significativa na literatura ao explorar as vivências de indivíduos trans em contextos acadêmicos avançados. Por exemplo, em pesquisa desenvolvida pela orientadora junto a um grupo de pesquisa (Silva et al., 2024), em resposta a questionários que visavam entender o sofrimento psíquicos de estudantes da pós-graduação de universidades públicas no Estado de Minas Gerais, nenhum dos respondentes se identificou como pessoa trans. Essa pesquisa, desenvolvida também a partir de rodas de conversa em uma segunda etapa qualitativa, aponta como esses percalços afetam não apenas o desempenho acadêmico, mas também a saúde mental e o sentimento de pertencimento dessas pessoas.

Entre os principais desafios relatados neste estudo (Silva et al., 2024), destaca-se a pressão interna pelo alto desempenho como um discurso recorrente entre os participantes. Além disso, a interferência das demandas acadêmicas em outros contextos da vida pessoal evidencia uma dificuldade estrutural na conciliação dessas esferas, o que, por sua vez, intensifica a sobrecarga vivenciada pelos estudantes. As dificuldades financeiras emergiram como um fator de vulnerabilidade, restringindo o acesso a recursos acadêmicos e aprofundando a insegurança material, especialmente entre aqueles sem suporte institucional adequado. Paralelamente, o encurtamento dos prazos para a conclusão dos trabalhos, somado à ausência de incentivo e apoio acadêmico, agravou o sofrimento psíquico, manifestando-se

em desânimo, procrastinação e exaustão emocional.

Feita essa contextualização, o objetivo geral da etapa de campo da pesquisa que integra essa dissertação consistia em identificar a existência e os motivos de sofrimento psíquico de estudantes trans de pós-graduação *stricto sensu*. Seus objetivos específicos envolviam investigar os motivos e os desdobramentos da presença de sofrimento social na trajetória de alunos trans na pós-graduação. A partir disso, pretendia-se contribuir para uma compreensão mais abrangente das barreiras enfrentadas por esses estudantes e oferecer recomendações para políticas e práticas que promovam um ambiente acadêmico mais inclusivo e acolhedor.

No dia 16 de novembro de 2022, o protocolo da pesquisa de campo foi submetido ao CEP para análise ética, sob o nº. CAAE 65230622.2.0000.5152. A tramitação desse projeto se deu entre essa data e o dia 06 de dezembro de 2022, com o parecer aprovado sob nº. 5.796.271.

O primeiro parecer liberado foi pendente, solicitando que o projeto fosse adequado conforme OFÍCIO CIRCULAR nº2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021, que trata de pesquisas com etapas em ambiente virtual, principalmente dos procedimentos no ambiente virtual, obtenção do TCLE, transferência e armazenamento de dados e riscos deste tipo de pesquisa no ambiente virtual. Além disso, o CEP/UFU alertou para atendimento ao item 4 do referido ofício que trata de informações obrigatórias que deveriam constar no TCLE.

Depois da aprovação do projeto pelo CEP (CAAE 65230622.2.0000.5152 – Anexo B), iniciou-se, efetivamente, a pesquisa de campo por meio do convite aos participantes, conforme descrito na metodologia originalmente proposta. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa com a participação de estudantes trans matriculados em programas de pós-graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil. Inicialmente estimavam-se até

seis participantes, número justificado pela opção por entrevistas de história de vida, que geralmente são longas e realizadas em duas ou três sessões, dependendo do tema e da experiência do entrevistado, conforme Minayo (2013), e vale acrescentar, também do entrevistador.

Na entrevista de História de Vida Oral Temática, visa-se registrar suas histórias de vida de um depoente, de modo livre, e em seguida aprofundar a entrevista a partir de questões sobre a temática em específico da pesquisa. A literatura, de acordo com Meihy e Barbosa (2007), recomenda um roteiro de entrevista que em um primeiro momento contemple o relato livre das trajetórias individuais dos participantes (isto é, suas histórias de vida) e, em seguida, destacando-se o tema específico em estudo, que neste caso é o sofrimento psíquico na pós-graduação. O roteiro de entrevista (Apêndice C) produzido para esta pesquisa aborda, inicialmente, dados pessoais e sociodemográficos (ex.: idade, sexo, identidade de gênero, área da pós-graduação, cidade de origem, cidade de residência, nível de graduação). Em seguida, investiga-se a história de vida do participante de forma livre (ex.: "conte-me sua história de vida"). Por fim, explora questões temáticas, como "os motivos de ingresso na pós-graduação", "o relacionamento com colegas, professores e orientadores", "avaliação das disciplinas cursadas", "experiências que levaram ao sofrimento psíquico durante o percurso acadêmico", "modos de enfrentamento" e "implicações do sofrimento psíquico nas relações interpessoais".

Conforme consta no projeto, os convites foram feitos inicialmente por meio de mídias sociais em grupos específicos de trans residentes no Brasil, com um breve texto explicativo sobre o estudo e o *e-mail* do pesquisador para que os interessados pudessem entrar em contato. Aos que demonstrassem interesse, seria enviado um *e-mail* contendo informações detalhadas sobre a pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), já que a coleta de dados ocorreu de forma virtual, conforme orientação do Ofício Circular nº

2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021.

Além disso, por *e-mail* ou contato telefônico, seria agendado um encontro virtual para apresentar a pesquisa e dirimir dúvidas. Após a leitura do TCLE (Apêndice B), o participante teria tempo para refletir sobre sua participação. Manifestado o interesse, o pesquisador enviaria o TCLE assinado por *e-mail*, iniciando a entrevista na data e horário combinados, utilizando para tal a plataforma *Microsoft Teams* ou similar. Havia possibilidade de um segundo encontro para finalizar a entrevista, se necessário. Se não houver necessidade de complementações, o material seguiria para análise, utilizando-se textualização e transcrição conforme Meihy e Barbosa (2007).

No dia 03 de fevereiro de 2023 foi feita a primeira divulgação da pesquisa em redes sociais, por meio de um formulário de preenchimento por interessados (Apêndice C). A divulgação ocorreu nas mídias pessoais e profissional do pesquisador e de grupos/movimentos sociais regionais e/ou nacionais, como o perfil do *instagram* da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), do Coletivo TransUfba, do projeto Somos da Universidade Federal de Uberlândia.²

No dia 7 de fevereiro de 2023, o primeiro participante, Caetano [pseudônimo escolhido pelo pesquisador], respondeu ao formulário inicial. Após confirmar seu interesse em participar, foi agendada uma entrevista remota pelo *Microsoft Teams* para o dia 15 de fevereiro de 2023, considerando sua disponibilidade. Dando continuidade, um segundo encontro foi marcado e realizado no dia 1º de março de 2023 para complementar e finalizar a entrevista.

² **ANTRA:** Fundada em 2000, a associação atua na defesa dos direitos humanos de pessoas trans, com foco na incidência política, prevenção de HIV/AIDS e enfrentamento à violência. Saiba mais em: <https://antrabrasil.org/>. **TransUFBA:** Coletivo vinculado à Universidade Federal da Bahia (UFBA), formado por pessoas trans e aliadas, que promove visibilidade, acolhimento e luta pelos direitos da população trans no ambiente acadêmico, além de fomentar debates e ações contra a transfobia. Confira no Instagram: <https://www.instagram.com/coletivotransufba/>.

Projeto Somos: Vinculado ao Escritório de Assessoria Jurídica Popular (Esajup) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), oferecia assessoria jurídica gratuita à comunidade LGBTQIA+, além de promover orientação para a garantia de direitos. No momento, encontra-se desativado. Detalhes em: <https://www.instagram.com/projetosomos.ufu/?hl=pt>.

Durante a primeira entrevista, não houve problemas técnicos relacionados à internet ou ao uso da plataforma *Microsoft Teams*. No entanto, ocorreram intercorrências que matizaram a qualidade da entrevista de História de Vida. Essas dificuldades estavam relacionadas à condução do pesquisador, que, em alguns momentos, teve dificuldade em evitar que a abordagem tendesse à de uma entrevista clínica. Além disso, Caetano relatou que tinha dificuldade em organizar as respostas às perguntas feitas e que o contato mais próximo com o pesquisador aumentava sua ansiedade. Esses fatores influenciaram na fluidez e profundidade da entrevista, tornando necessário um segundo encontro para dar continuidade ao processo. Na segunda entrevista, no entanto, esses problemas não se repetiram, e houve uma melhora significativa no comportamento do participante e na qualidade das informações colhidas.

Nesse hiato, outro participante entrou em contato, por meio do formulário. No entanto, ao ser apresentado à proposta, este disse não ser uma pessoa trans, mas se interessou e leu somente a parte do “sofrimento psíquico na pós graduação”. Além disso, uma nova divulgação foi realizada, com um alcance maior, abrangendo tanto as redes sociais quanto os *e-mails* da secretaria dos Programas de Pós-Graduação (PPG), como o PPGCOM/UnB, PPGSS/UFAL, PPGPSI/UFAL, PPGCHS/UFABC, PPGE/UFAL, PPGCC/UFU³. Além dos PPG, também foi encaminhado à presidência da ANTRA e para grupos de diversidade universitários, como Diversidades/UnB, SOMOS/UFU, Diverges/UNIFAL. Todos estes não se manifestaram respondendo ao convite, o que motivou o reforço de outro comunicado a esses destinatários, mas, da mesma forma, não tivemos êxito.

Tendo em vista as dificuldades para atingir um maior número de interessados em participar da pesquisa, até porque o perfil deste estudo é bem específico, o projeto contou com a divulgação do convite pelas redes sociais do pesquisador, além de seus amigos, que o

³ Os Programas de Pós-Graduação foram selecionados baseados nas temáticas abordadas em suas publicações acadêmicas e nas redes sociais de estudantes vinculados a esses programas, que demonstravam afinidade com o tema do estudo.

ajudaram com a divulgação da pesquisa entre seus contatos. Um amigo do pesquisador abordou diretamente uma pessoa trans, que cumpria os critérios de inclusão e exclusão, mas que se opôs e declinou do convite. Essa pessoa, convidada para o estudo, ainda acrescentou com tom agressivo, de acordo com a narrativa do amigo: “*esse povo cis quer ganhar a custo da gente trans, porque não paga para responder, já que quer ‘ajudar’?*”. Além disso, aconteceu outro episódio simbólico e significativo, em que não fui respondido, numa abordagem direta a uma mulher trans, ativista das causas LGBTQIA+ e das pautas do movimento negro, e soube pelos bastidores que ela não daria entrevista a um branco, cis e gay.

Em razão da dificuldade de localizar e acessar os participantes deste estudo, considerou-se a necessidade de submeter uma ementa ao CEP, o que ocorreu no dia 23 de agosto de 2023, para: (1) incluir a possibilidade de entrevistar pessoas que cursaram pós-graduação *lato sensu* e (2) alterar o título da pesquisa de “Sofrimento psíquico de estudantes trans na pós-graduação *stricto sensu*” para “Sofrimento psíquico de estudantes trans na pós-graduação” – tendo essa proposta com parecer favorável, nº. 6.264.725, no dia 28 de agosto de 2023.

Dessa forma, o perfil deste estudo se tornou menos específico em relação à versão original. Com essa alteração, foi possível o direcionamento do convite para outras pessoas que correspondiam aos critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos. Outro amigo do pesquisador foi quem intermediou o convite a duas pessoas com esse perfil, mas não houve retorno ao contato realizado pelo pesquisador. No dia 20 de setembro de 2023, foi feito um novo comunicado nas redes sociais, considerando também os *e-mails* das secretarias dos PPGs.

Foram realizadas novas entrevistas com outro participante, Klaus [nome fictício], nos dias 28 de setembro de 2023 e 30 de setembro de 2023. Ele respondeu ao formulário

disponibilizando seus dados para o agendamento da entrevista, motivado pelo contato de um amigo seu, que viu a divulgação da pesquisa nas redes sociais do pesquisador. Esse espaçamento entre as datas se deu devido à disponibilidade do participante. Um detalhe relevante a ser mencionado foi o tempo de duração da segunda parte da entrevista, que extrapolou aos 90 minutos estipulados, no entanto, com consentimento do participante. Ao contrário de Caetano, Klaus era bem falante e articulado, o que produziu bastante material para análise, que será utilizado na construção do segundo artigo, no formato de estudo de caso, para a composição da dissertação.

As transcrições literais das entrevistas de Klaus e Caetano foram entregues à orientadora para leitura, enquanto o pesquisador continuou impulsionando a divulgação da pesquisa para encontrar mais participantes, a fim de concluir o número de estipulado no projeto original e na Plataforma Brasil.

Uma versão preliminar desta dissertação foi apresentada à banca examinadora para o exame de qualificação, e, concluída essa etapa, de posse das contribuições da banca foi possível um novo olhar para as entrevistas e a reorganização do segundo artigo. Os relatos das histórias de vida dos participantes não apontavam para sofrimento psíquico no seu percurso pela pós-graduação, mas em diferentes momentos de suas vidas. Foi necessário a inserção do conceito de sofrimento social para permitir a discussão das histórias de vida e as vivências dos participantes. De acordo com Werlang e Mendes (2013) o sofrimento social pode ser entendido como aquele ligado à relações sociais precarizadas que agravam as fragilidades de cada sujeito, como nos campos da atividade laboral, da saúde dos vínculos afetivos e dos projetos de vida de cada indivíduo. Esse sofrimento, originário nas relações no tecido social, podem implicar em autoexclusão e perda da confiança em si próprio.

Outro destaque importante para a construção dessa dissertação é a teoria da subjetividade de Gonzalez Rey (1997). Segundo o psicólogo cubano, a subjetividade pode ser

entendida como um sistema em constante transformação, do qual fazem parte das experiências individuais inseridas em determinado contexto cultural histórico. Logo, a subjetividade é um sistema dinâmico, pois as influências socioculturais e as variações temporais influenciam na formação, manutenção e mudanças nos sentidos subjetivos (Gonzalez Rey, 2005). A subjetividade, tal qual proposta pelo autor, e a Epistemologia Qualitativa (Gonzalez Rey, 1997; 2005) serão abordadas mais aprofundadamente nos artigos que integram essa dissertação.

Inicialmente, havia previsão de composição da dissertação a partir de dois artigos oriundos de pesquisa de campo. No entanto, as dificuldades em realizar entrevistas com pessoas com o perfil desejado implicou na construção de um artigo teórico, de revisão de literatura, e de um segundo artigo onde se retrata a pesquisa de campo. Considerando essa trajetória, o **objetivo geral** desta dissertação foi reescrito e consiste em investigar as dinâmicas subjetivas referentes à sexualidade e ao sofrimento de pessoas trans em ambientes educacionais e sociais a partir de uma revisão de literatura e do método de história de vida à luz da teoria da subjetividade de Gonzalez Rey. Partindo desse objetivo geral, a dissertação foi organizada em formato de artigos.

O primeiro artigo foi intitulado “Revisão narrativa sobre as contribuições da Teoria da Subjetividade de González Rey sobre gênero e sexualidade em publicações brasileiras”. Trata-se de revisão narrativa da literatura que analisa a produção científica sobre sexualidade e gênero, fundamentada na Teoria da Subjetividade (TS) proposta por Fernando González Rey. Justifica-se a construção deste artigo como forma de aproximar o mestrando dos conceitos de teoria de González Rey, a ser utilizada na análise das entrevistas, bem como na identificação de pesquisas que abordem a temática gênero a partir da TS.

O segundo artigo, que se baseia na pesquisa de campo, tem o título “Sofrimento social na trajetória de vida de pessoas trans” e foi desenvolvido a partir de entrevistas de

história de vida temática.

Artigo 1: Revisão narrativa sobre as contribuições da Teoria da Subjetividade de González Rey sobre gênero e sexualidade em publicações brasileiras

Resumo

Este artigo analisa as contribuições da produção científica sobre sexualidade e gênero fundamentada na Teoria da Subjetividade (TS) de González Rey. A TS entende a subjetividade como um constructo dinâmico, constituído por sentidos subjetivos derivados de interações sociais e experiências individuais. A revisão narrativa inclui 11 produções acadêmicas, como tese de doutorado, artigos, trabalhos de conclusão de curso, um relatório de iniciação científica e um trabalho apresentado em evento. Os resultados revelam que normas sociais, políticas de saúde, práticas educacionais e contextos familiares impactam profundamente a subjetividade de pessoas LGBTQIA+, gerando sofrimento psíquico, processos de empoderamento e novos sentidos subjetivos. As redes de apoio e os processos psicoterapêuticos emergem como fundamentais na construção de sentidos subjetivos que promovam bem-estar e segurança. A TS, ao valorizar metodologias qualitativas construtivo-interpretativas, demonstra ser uma ferramenta robusta para compreender e intervir em questões complexas relacionadas ao gênero e à sexualidade de forma inclusiva e crítica.

Palavras-chave: Sexualidade; Teoria da Subjetividade; Sofrimento Psíquico; Gênero.

Abstract

This article analyzes the contributions of scientific research on sexuality and gender grounded in González Rey's Theory of Subjectivity (TS). TS conceptualizes subjectivity as a dynamic construct formed by subjective senses derived from social interactions and individual experiences. This narrative review includes 11 academic works, such as a doctoral dissertation, articles, undergraduate theses, a scientific initiation report, and a conference paper. The findings reveal that social norms, health policies, educational practices, and family contexts profoundly impact the subjectivity of LGBTQIA+ individuals, generating

psychological distress, empowerment processes, and positive reframing. Support networks and psychotherapeutic processes emerge as fundamental in constructing subjective senses that promote well-being and safety. TS, by emphasizing qualitative constructive-interpretative methodologies, proves to be a robust tool for understanding and addressing complex issues related to gender and sexuality in an inclusive and critical manner.

Keywords: Sexuality; Theory of Subjectivity; Psychological Distress; Gender.

Introdução

A sexualidade é um conceito amplo e central na vida humana, que abrange corpo, sexo, identidades, papéis e expressões de gêneros, orientação sexual entre outros. Adicionalmente, cabe destacar os atravessamentos dos aspectos biológicos, psicossociais, culturais, históricos, religiosos, econômicos e políticos na experiência e/ou vivência sexual das pessoas (Ciasca et al., 2021). Dito isso, as discussões sobre gênero e sexualidade ganham destaques nas produções científicas, a partir das contribuições de vários autores, como Judith Butler (1990), Michel Foucault (1978) e Berenice Bento (2017), que propõem perspectivas reflexivas a esta temática.

A partir da teoria da performatividade de gênero, Butler (1990) contesta a essência fixa ou biológica atribuída ao gênero, por considerar tratar-se de uma construção social que se manifesta por meio de atos repetitivos e/ou performativos. Foucault (1978), por sua vez, entende a sexualidade como uma construção histórica e cultural, influenciada pelos códigos sociais e políticos. Alinhada à perspectiva dos dois filósofos, a autora brasileira Bento (2017) evidencia que as normas de gênero e sexualidade são complexas e plurais, podendo ser definidas e ressignificadas com base nas vivências de pessoas trans. Estas contribuições teóricas se opõem à visão binária e essencialista do gênero e da sexualidade, sendo fundamentais para tal discussão.

Dessa maneira, ao entender as nuances destas temáticas, tornam-se necessárias

perspectivas em pesquisa que busquem compreender fenômenos como a subjetividade, elemento complexo e dinâmico. Nesse sentido, a Teoria da Subjetividade (TS) de González Rey se torna elegível na busca da compreensão destes fenômenos.

A teoria da subjetividade de Gonzalez Rey

Fernando González Rey (1949-2020) nasceu em Havana, capital de Cuba. Foi destaque na área da psicologia e das ciências sociais, cuja trajetória acadêmica marcou significativamente a psicologia, especialmente na América Latina. Quando jovem, participou ativamente da Revolução Cubana, envolvido na Campanha Nacional da Alfabetização. Em seguida, formou-se em psicologia pela Universidade de Havana, com influências psicanalíticas e humanistas. Continuou sua formação em Moscou, onde obteve dois doutorados, o primeiro em Psicologia no Instituto de Psicologia Geral e Pedagógica (1979) e segundo em Ciências no Instituto de Psicologia da Academia das Ciências da União Soviética (1987), o que consolidou sua carreira acadêmica com posições de destaque em Cuba – incluindo a presidência da Sociedade Cubana de Psicólogos e a direção da Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana, onde também atuou como vice-reitor. Nos anos 2000, González Rey se estabeleceu no Brasil, tornando-se professor catedrático na Universidade de Brasília. Em relação às contribuições de González Rey, a maior delas foi a criação da Teoria da Subjetividade, junto com a Epistemologia Qualitativa e a metodologia construtivo-interpretativa, que desafiaram as abordagens tradicionais da psicologia e abriram novas perspectivas teóricas e metodológicas (Goulart et al., 2020).

Para González Rey (1997), a subjetividade é compreendida como um sistema dinâmico em constante transformação, configurado a partir de sentidos subjetivos que emergem das interações sociais, das experiências individuais e do contexto histórico no qual se inserem. Essa perspectiva possibilita uma análise mais aprofundada das relações entre o indivíduo e o meio sociocultural, uma vez que a subjetividade individual e a subjetividade

social são indissociáveis. Nesse sentido, a subjetividade não pode ser reduzida a estruturas fixas ou deterministas, pois assume diferentes configurações ao longo de seu desenvolvimento, expressando-se por meio de múltiplas formas nos mais variados contextos culturais e históricos.

Além disso, a subjetividade é concebida como um sistema simbólico-emocional cuja função central é a produção da realidade humana por meio da cultura. Ao mesmo tempo em que possibilita o desenvolvimento da cultura, ela também tem nela sua origem, sendo socialmente instituída e historicamente situada (González Rey & Mitjáns Martínez, 2017). Dessa forma, sua constituição se dá em um processo contínuo, no qual os sentidos subjetivos se formam e se transformam a partir das influências socioculturais e das variações temporais (González Rey, 2005). Essa abordagem amplia a compreensão da subjetividade como um fenômeno complexo e multifatorial, reforçando sua irredução a modelos explicativos lineares ou essencialistas.

De acordo com González Rey (2011), o sentido subjetivo compreende a base da subjetividade, uma vez que está relacionado às significações particulares do indivíduo sobre suas experiências. Ademais, o autor descreve que, ao passo que a subjetividade individual se refere às construções subjetivas específicas de cada pessoa, a subjetividade social diz respeito às configurações subjetivas compartilhadas por um grupo e/ou sociedade – sendo estas complementares e construídas de forma retroalimentar.

Souza e Torres (2019) elegem como principais conceitos da teoria da subjetividade, além do sentido subjetivo, já destacado, a configuração subjetiva, o sujeito e as subjetividades individual e social. Estes conceitos da TS de González Rey são interconectados e oferecem uma compreensão dos processos psicológicos.

Em relação ao sentido subjetivo, entende-se como os processos simbólicos e emocionais que emergem das experiências vividas, sem uma relação linear com os eventos

concretos. Já a configuração subjetiva, refere-se à organização relativamente estável desses sentidos subjetivos, articulando as experiências do sujeito de forma mais dinâmica e singular. Por sua vez, o sujeito é compreendido como indivíduo que, ao gerar sentidos subjetivos e configurações subjetivas, se posiciona reflexivamente nos diferentes contextos sociais, que rompem com as limitações impostas por esses espaços e criam novas possibilidades de subjetivação. Por fim, a teoria também elege diferenças entre subjetividades individual e social, que se constituem mutuamente, indicando que a subjetividade individual emerge das histórias únicas dos indivíduos, enquanto a subjetividade social representa a articulação complexa e recursiva dos sentidos subjetivos nos diferentes contextos sociais, que configuram uma rede viva de relações sociais (Souza & Torres, 2019).

Para investigar essas interações profundas e construções subjetivas, González Rey (2005) propõe a metodologia construtivo-interpretativa. Esta abordagem qualitativa busca compreender a complexidade e o dinamismo referentes aos fenômenos humanos, reconhecendo a construção de conhecimento por meio da interpretação dos sentidos subjetivos e das configurações subjetivas que emergem das interações e experiências dos participantes. O método proposto envolve processos dialógicos e reflexivos do pesquisador e participantes, que, colaborativamente, constroem redes de significados e compreensões.

A metodologia construtivo-interpretativo é especialmente elegível para estudos relacionados a gênero e sexualidade, visto que permite explorar os significados e os sentidos subjetivos das experiências, considerando os recortes e as interferências socioculturais (González Rey, 2002). Ao utilizar diferentes técnicas e instrumentos, como entrevistas, observações e análises documentais, essa abordagem metodológica possibilita extrair dados multifatoriais das dimensões da subjetividade – podendo fornecer análises robustas, densas e detalhadas para a produção de conhecimento nessa área (González Rey, 2005).

Diante da relevância e do alcance metodológico ao investigar questões relacionadas

às interseções entre subjetividade, gênero e sexualidade na perspectiva da teoria da subjetividade, o presente artigo objetiva analisar, por meio de uma revisão narrativa da literatura, as contribuições da produção científica relacionada à temática de sexualidade e gênero fundamentada na Teoria da Subjetividade proposta por González Rey.

Aspectos metodológicos

De acordo com Cordeiro et al. (2007), a revisão narrativa, diferente da revisão sistemática, é mais aberta e não utiliza critérios sistemáticos para buscar e analisar a produção científica. A revisão de tipo narrativa não aplica protocolos exaustivos nos comandos de buscas, nem pretende esgotar as fontes de informações acerca da temática estudada. Portanto, a seleção dos artigos, ou de outras produções científicas, pode ser feita de maneira arbitrária e a interpretação deles pode sofrer interferência significativa por parte da percepção subjetiva dos autores. Casarin et al. (2020) destacam que, apesar de não ser necessário declarar os critérios de busca usados para a revisão narrativa, ela é uma relevante forma de atualização a respeito de um tema, contribuindo para a construção do estado da arte sobre este.

Para esta revisão narrativa, com enfoque na produção acerca de gênero e sexualidade a partir da fundamentação teórica de Fernando González Rey, a Teoria da Subjetividade (TS), foram utilizados os buscadores sexualidade, gênero, Fernando González Rey e Teoria da Subjetividade em novembro de 2023 no *Google Acadêmico*, sem recorte temporal. Como resultado dessa pesquisa, foram localizadas 11 produções (artigos, monografias e tese de doutorado) e selecionamos dez desses textos que (Quadro 1) respondiam à pergunta orientadora “*De que maneira a Teoria da Subjetividade de Gonzalez Rey tem contribuído para os estudos sobre sexualidade e gênero?*”. Após a leitura dos resumos dos trabalhos localizados, quando abordavam aspectos relacionados aos temas sexualidade e gênero fazendo uso da TS de Gonzalez Rey na construção metodológica da proposta, selecionamos para

leitura na íntegra e extração das informações: autor, ano de publicação, tipo de produção, objetivos, participantes, metodologia e principais achados.

Resultados e discussão

(a) Caracterização da produção científica recuperada para análise.

Dentre as onze produções científicas para esta revisão narrativa recuperadas para análise (Quadro 1), encontram-se uma tese de doutorado na área de Educação da Universidade de Brasília (UnB); três artigos publicados em diferentes periódicos; um relatório de iniciação científica; quatro trabalhos de conclusão de curso (TCC), sendo três do curso de graduação em Psicologia e três do curso de Ciências de Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília; um relatório de iniciação científica e, por fim, um trabalho completo apresentado em um Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade.

As produções recuperadas nesta revisão narrativa estão vinculadas a diversas instituições de ensino brasileiras, com destaque predominante para o Centro Universitário de Brasília (CEUB). Os autores Mendes e Mori (2023), Severiano (2007), Coelho (2013), Alves (2022), Carvalho (2022) e Mattheke (2020) estão todos associados ao CEUB. Outras instituições acadêmicas também se destacam, como a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), a partir do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, e a Universidade Estadual do Amazonas (UFAM), com a Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, aos quais se vinculam Miranda e Alves (2019). Já Moncayo Quevedo (2017) está associado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Por sua vez, Soares e Patiño Torres (2022) são vinculados à Universidade Federal de Tocantins (UFT) e à UnB, respectivamente. Por fim, Meireles e Ferrarini (2023) estão afiliados ao Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba e à Universidade Federal do Paraná (UFPR). Percebe-se, portanto, o destaque para as regiões do Distrito Federal (UnB e

Uniceub), Centro-oeste (UFMT), Sul (UFPR) e Norte (UFT e UFAM).

A análise dos temas centrais e os objetivos de cada obra recuperada nesta revisão (ver Quadro 1 e, de forma mais detalhada, Apêndice B) aponta que os estudos recuperados abordam diferentes aspectos das questões de gênero e sexualidade, contribuindo de maneira significativa para o avanço das discussões teóricas e práticas nessa área.

Os autores Mendes e Mori (2023) contribuem ao investigar as normatividades sociais que influenciam as concepções de gênero e sexualidade, com a intenção de desconstruir preconceitos e promover uma compreensão mais inclusiva dessas identidades.

O estudo de Severiano (2007) se volta para a história das construções de gênero, questionando a naturalização de conceitos como masculinidade e feminilidade. Coelho (2013) aborda os discursos médicos e psicológicos sobre sexualidade, examinando como essas narrativas impactam a subjetividade das pessoas. Já Alves (2022) discute como as identidades de gênero se formam na infância, dando ênfase às influências do ambiente familiar e escolar. Por sua vez, Carvalho (2022) explora as vivências de jovens LGBTQIA+ no ambiente escolar, destacando as dinâmicas de inclusão e exclusão que interferem em suas trajetórias.

Miranda e Alves (2019) focam a discussão sobre a compreensão de gênero e sexualidade no contexto das ciências exatas e naturais a partir de uma produção científica. Moncayo Quevedo (2017) contribui ao oferece uma análise mais robusta e aprofundada das políticas educacionais que afetam as práticas pedagógicas relacionadas a gênero e sexualidade, com foco na formação dos professores.

Quadro 1 – Caracterização das publicações recuperadas quanto à autoria, ano de publicação, tipo de produção, objetivos, participantes e aspectos metodológicos.

Autores/Ano/ Tipo de produção/	Objetivos	Participantes	Método/Instrumentos
<i>Severiano (2007)</i> - Monografia/UniCEUB	Investigar como se dão as configurações das identidades de gênero nas subjetividades individual/social, como as diversas visões sobre a sexualidade são disseminadas em diversas culturas e momentos históricos distintos, e qual o impacto direto/ indireto dessas ideias no cotidiano do sujeito comum.	Não se aplica	Revisão bibliográfica sobre o tema do gênero em diversas áreas do conhecimento, com enfoque nas ciências humanas, especialmente na psicologia.
<i>Coelho (2013)</i> - Monografia/UniCEUB	Estudar o impacto subjetivo do uso da PEP sexual por um casal homoafetivo sorodiscordante.	Um casal homoafetivo sorodiscordante.	Dinâmica conversacional e o instrumento de complemento de frases, recursos utilizados pela Epistemologia Qualitativa.
<i>Carvalho (2016)</i> - Monografia/UniCEUB	Compreender como se deu o processo de construção da subjetividade do sujeito de pesquisa que vivenciou o	Um homem, de 22 anos, homossexual, filho de pastor, recém-formado em Ciências da Computação, que se	Metodologia construtivo-interpretativa de Fernando González Rey, com dinâmicas conversacionais

	processo de descoberta da homossexualidade dentro de um contexto cristão evangélico.	identifica como cristão evangélico, e o filme "Orações para Bobby" porém, não frequenta nenhuma igreja no momento.	como elemento motivador para iniciar as conversas.
<i>Moncayo Quevedo (2017) – Tese (UnB)</i>	Compreender aspectos da subjetividade individual e social presentes no processo da educação sexual no contexto escolar.	Alunos e Professores de Duas escolas na Cidade de Cali, Colômbia.	Epistemologia Qualitativa de González Rey, com dinâmicas conversacionais; momentos informais; jogos de papéis; grupos de discussão e documento como instrumento dialógico.
<i>Miranda e Alves (2019) – Trabalho (II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade)</i>	Compreender aspectos de como Estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Rio Branco, Acre, subjetivam Questões relacionadas à sexualidade, no contexto de práticas educativas dialógico-problematizadoras, com base na abordagem emancipatórias de Educação Sexual.	20 estudantes do Ensino Médio de uma escola Pública de Rio Branco, Acre.	Metodologia construtivo-Interpretativo e Epistemologia Qualitativa de Fernando González Rey, com conversações em grupo, conversas individuais e Complemento de frases. Slides, vídeos e textos com materiais didáticos para promover as conversações.
<i>Matthke (2020) - Relatório final de IC UniCeub</i>	Compreender a configuração subjetiva do transtorno mental de um indivíduo que se considera transexual e que é	Um indivíduo que se considera transexual e que é atendido/a por um Centro de Atenção Psicossocial do	Método construtivo-interpretativo, sustentado na Epistemologia Qualitativa e na Teoria da

atendido/a por um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Distrito Federal.

Subjetividade de González Rey, com dinâmica conversacional a partir de apresentação de parte de filmes e séries (“Meninos não choram”, “Pose” e “Laerte-se”); instrumento escrito/redação sobre “O atendimento no CAPS”.

- Alves (2022)* - Investigar como os processos psicoterapêuticos podem construir com a desconstrução da bifobia, da lesbofobia e do sexismo. Sete participantes, maiores de idade, integrantes da população LGBTQ+, e divididos em dois grupos: (1) Duas mulheres lésbicas e duas mulheres bissexuais que estiveram ou estão em processo psicoterapêutico; (2): Três psicólogas/os clínicas/os. *Epistemologia Qualitativa* desenvolvida por González Rey, roteiro de entrevista semiestruturada para as participantes da comunidade LGBTQ+ e outro roteiro para as/os psicólogas/os clínicas/os. atuantes há pelo menos 3 anos, utilizando distintas abordagens psicoterapêuticas.
- Carvalho (2022)-* Compreender como a psicologia clínica pode contribuir com a promoção da equidade nas relações de gênero e com o empoderamento feminino a partir de uma perspectiva preventiva, como Sete psicólogos(as) clínicos(as) com pelo menos três anos de experiência na área. *Entrevistas semiestruturadas* individuais e virtuais.
- Monografia/CEUB*

estratégia interventiva.

<i>Soares e Patiño Torres</i> (2022) - Artigo/ Revista Fermentario	Estudar os processos comunicativos na configuração poliamorosa de uma relação afetivo-sexual entre três pessoas, conhecidas como tríade ou trisal.	A relação afetivo-sexual entre três pessoas, conhecida como tríade ou trisal.	Estudo teórico a partir da Epistemologia Qualitativa e da Teoria da Subjetividade discutindo “o estranhamento como potência comunicativa e a noção de sujeito falante de Paul Preciado para a negociação nos processos comunicativos de uma configuração subjetiva poliamorosa em uma relação afetivo-sexual na forma de trisal.”.
<i>Meireles e Ferrarini</i> (2023) - Artigo/ Brazilian Journal of Development	Investigar as implicações da heteronormatividade na produção de sentidos subjetivos e configurações subjetivas de três estudantes gays cisgêneros de uma universidade pública que participaram do espaço conversacional sobre “Sair do armário:	Três estudantes cis gays, cujos nomes fictícios são Noah, Rafa e Alfa.	Metodología construtivo-interpretativa de Fernando González Rey com construção e interpretação da informação, a partir do instrumento de dinâmica conversacional.

estigmas e vivências”.

<i>Mendes e Mori (2023)</i> - Artigo/ Revista TEL Tempo, Espaço, Linguagem	Compreender os diferentes processos subjetivos de pessoas LGBTQIA+ atravessados pelo ambiente familiar.	Uma mulher cisgênero, branca, bissexual, classe média, 22 anos, feminista, graduada em serviço social e mestranda em Ciências Sociais.	Metodologia construtivo- interpretativo e epistemologia qualitativa de Fernando González Rey com quatro dinâmicas conversacionais online e instrumento de complemento de frases.
---	---	---	---

Fonte: autoria própria

Dando continuidade à discussão, Matthke (2020) verificaram a relação entre saúde mental e sexualidade ao destacar como as categorias de gênero influenciam na vivência de transtornos psicológicos. Posteriormente, Soares e Patiño Torres (2022) propuseram uma perspectiva interdisciplinar para o estudo de gênero e sexualidade, integrando abordagens da psicologia e das ciências sociais para aprofundar a compreensão desses temas. Recentemente, Meireles e Ferrarini (2023) destacaram dados importantes sobre a interseção entre saúde mental e sexualidade, ressaltando a necessidade de políticas públicas de saúde que considerem questões de gênero.

Estas produções demonstram a diversidade refletida nas investigações sobre o que está sendo produzido acerca gênero e sexualidade no Brasil ancoradas na proposta da TS de Gonzalez Rey.

(b) Os principais achados abordados nas produções recuperadas

Nesta subseção serão apresentados os principais achados das produções analisadas. O primeiro destaque consiste nos autores mais citados no material recuperado para análise. Judith Butler e Michel Foucault, ambos mencionados seis vezes, são os autores mais presentes nas referências, indicando sua influência predominante na discussão sobre a construção social do gênero e as dinâmicas de poder associadas à sexualidade. Os autores e autoras Berenice Bento, Daniel Borrillo e Eve Kosofsky Sedgwick, citados quatro vezes cada, também emergem como figuras centrais, particularmente em relação à crítica das normatividades sexuais e identitárias (Apêndice A).

O segundo destaque refere-se às tendências e insights nas pesquisas sobre gênero e sexualidade nas produções recuperadas. Os autores Mendes e Mori (2023) e Meireles e Ferrarini (2023) indicam a heteronormatividade e cisnormatividade como impactos negativos para os processos subjetivos da população LGBTQIA+. Estas normas sociais dominantes, de acordo com ambos os estudos, podem gerar experiências e sentimentos de não pertencimento

e, consequentemente, sofrimento psíquico.

Em razão desta lógica social predominante, Meireles e Ferrarini (2023) reiteram que o processo de “sair do armário” é uma experiência política e emancipatória, ao passo que Mendes e Mori (2023) reforçam a importância das redes de apoio, como a manutenção de amizades, na produção de sentidos subjetivos positivos da comunidade LGBTQIA+.

Nesse sentido, Coelho (2013) investigou a profilaxia pós-exposição sexual (PEP), um medicamento preventivo antirretrovirais após uma possível exposição ao HIV, aplicada a casais homoafetivos sorodiscordantes. Essa pesquisa destacou a relevância desse recurso na construção da subjetividade dos homens gays, principalmente, frente ao preconceito e estigmas sociais. Anos depois, Alves (2022) reforçou essa discussão ao ressaltar a importância dos processos psicoterapêuticos na desconstrução de preconceitos e no empoderamento social e psíquico dessa população, ampliando a compreensão sobre as dificuldades enfrentadas por eles.

A PEP, além de prevenir o HIV, promove senso de segurança e apoio institucional – provocando novas percepções e experiências subjetivas, segundo estudo de Coelho (2013). As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), mais especificamente o HIV, por muito tempo, foram atreladas à comunidade gay, provocando estigma e “caminho” para desconstrução deste preconceito entranhado cultural e socialmente, então a PEP pode atuar como agente singular na (re)construção da subjetividade dos homens gays. Além disso, esta medida pode ser interpretada como preventiva contra ao HIV e também favorecer espaços seguros para novas experiências, além do apoio institucional, que impactará diretamente nas atualizações das experiências e percepções subjetivas do próprio sujeito (Coelho, 2013).

As autoras Matthke (2020) e Carvalho (2022) evidenciam que o preconceito e a discriminação colaboram para o sofrimento psíquico. Matthke (2020) explora o fenômeno da transfobia e seus desdobramentos nos serviços de saúde mental, além de salientar a

necessidade de relações significativas para a reconfiguração subjetiva de pessoas trans. Com enfoque nas desigualdades de gênero e suas implicações psíquicas, Carvalho (2022), por sua vez, enfatiza a importância de uma formação mais inclusiva para os psicólogos, apresentada como uma estratégia de enfrentamento a esses impactos. Para Matthke (2020) e Carvalho (2022), o sofrimento psíquico pode ser considerado um substrato das experiências de preconceitos e discriminação, o que interfere na configuração de sentidos e, consequentemente, na construção de subjetividades individuais. A experiência desses fenômenos podem impactar diretamente na percepção de bem-estar psíquico e social destes indivíduos que sofrem situações similares, como exemplifica o estudo de Carvalho (2016), ao compreender as tensões entre o dualismo, que se configura a partir da identidade sexual e as crenças religiosas, destacando a necessidade de atualizar-se refere ao sentido subjetivo dessa questão.

Posto isto, existem outras demandas que configuram a necessidade de educação sexual, a fim de diminuir os impactos causados na saúde mental e social da população. Dessa maneira, Severiano (2007), Moncayo Quevedo (2017) e Miranda e Alves (2019) se destacam com suas produções, no que se refere à educação sexual e suas implicações na subjetividade dos estudantes.

Ainda, nessa perspectiva, Severiano (2007) elucida que os códigos de gênero são reforçados na educação escolar, enquanto que Miranda e Alves (2019) apontam que a ampliação da compreensão de adolescentes acerca da sexualidade pode se dar em razão das práticas pedagógicas dialógicas. Já Moncayo Quevedo (2017) evidencia as tensões entre as propostas educativas e as práticas docentes, destacando uma abordagem inclusiva considerando os processos subjetivos dos alunos nessa temática.

Além da importância da educação sexual em contextos escolares, Mendes e Mori (2023) reconhecem a interferência das relações familiares na subjetividade das pessoas

LGBTQIA+, tendo o suporte familiar como estratégia de enfrentamento às violências caracterizadas por LGBTfobia. Baseado nisso, Carvalho (2016) analisa a experiência religiosa de um jovem gay, em que as tensões entre esses dois contextos, identidade sexual e moral religiosa, constroem sua subjetividade. Essas contribuições familiares podem funcionar como uma faca de dois gumes, servindo tanto como ponto de apoio e acolhimento quanto prejudicando esse processo de construção da subjetividade individual.

Ao seguir com a discussão destes dados, Soares e Patiño Torres (2022) acrescentam um tópico à discussão sobre os relacionamentos poliamorosos, em que reforçam a centralidade da comunicação na configuração de sentidos subjetivos neste tipo de relação. A comunicação e a negociação são imprescindíveis entre os participantes para as dinâmicas relacionais se apresentarem caráter mais inclusivas e consensuais.

(c) As contribuições da TS de Fernando González Rey para as temáticas sexualidade e gênero

As onze produções analisadas aplicam conceitos da Teoria da Subjetividade de González Rey, destacando-se a configuração social (referências 1, 2, 5, 7, 10), subjetividade (1, 2, 4, 5, 8, 10), subjetividade individual (2, 4, 5, 10, 11) e subjetividade social (2, 4, 5, 7, 10, 11). Esses conceitos são centrais para as discussões apresentadas, refletindo a importância da teoria na análise das dinâmicas subjetivas e sociais abordadas nas produções.

Quadro 2 – Conceitos da Teoria da Subjetividade de González Rey destacados pelas 11 produções recuperadas para análise

Conceitos	Referências recuperadas										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Configuração social	X	X			X		X			X	
Desenvolvimento social											
Organiação social da sexualidade							X				
Processo dialógico											
Processos comunicativos								X			
Sentido subjetivo	X			X	X		X				
Subjetividade	X	X		X	X			X		X	
Subjetividade individual		X		X	X					X	X
Subjetividade social		X		X	X		X			X	X
Sujeito					X						
Zonas de sentido					X						

Fonte: autoria própria

Em seu trabalho sobre as contribuições da psicoterapia para a desconstrução da bifobia, da lesbofobia e do sexismo, Alves (2022) destaca que a TS oferece subsídio teórico para a compreensão da interferência da psicoterapia como estratégia de enfrentamento e

empoderamento ao ressignificar as experiências negativas e promover a construção de sentidos subjetivos. Portanto, a psicoterapia pode ser considerada um espaço seguro para aprofundamento e elaboração de identidades, favorecendo aos indivíduos que reflitam suas vivências, questionem normas sociais estruturantes e construam narrativas mais alinhadas às suas subjetividades. Os processos psicoterapêuticos e a desconstrução de preconceitos podem evidenciar interações complexas entre diferentes dimensões da identidade e do contexto social (Alves, 2022). A compilação dos dados (seção b de resultados) aponta que os processos subjetivos são marcados e atravessados por uma multiplicidade de fatores, envolvendo normas sociais, políticas de saúde, práticas educacionais e contextos familiares. Os pontos de confluências entre os estudos indicam que a rede de apoio e política inclusivas podem ser bons recursos de promoção de bem-estar psíquico para pessoas LGBTQIA+ (Severiano, 2007; Moncayo Quevedo, 2017; Miranda & Alves, 2019; Matthke, 2020; Carvalho, 2022; Mendes & Mori, 2023; Meireles & Ferrarini, 2023).

Em contraponto, as divergências colaboram efetivamente à medida que favorecem a compreensão de como a subjetividade pode ser configurada e reconfigurada de acordo com os diferentes contextos sociais (Severiano, 2007; Moncayo Quevedo, 2017; Miranda & Alves, 2019; Matthke, 2020; Carvalho, 2022; Mendes & Mori, 2023; Meireles & Ferrarini, 2023).

Ao analisar estes resultados, a partir das contribuições da TS de Fernando González Rey, é importante realçar a complexidade e o dinamismo dos processos subjetivos dos fenômenos descritos em cada produção científica. Na publicação de Mendes e Mori (2023), os conceitos de configuração subjetiva e de subjetividades individual e social da TS de González Rey estão presentes na problematização sobre as relações sociofamiliares da participante da pesquisa. As autoras destacam a LGBTfobia contra si mesma, expressa pela participante, em decorrência das discriminações provenientes de familiares e amigos,

imprimindo preconceitos na configuração subjetiva sobre si e na apresentação de uma “heterossexualidade compulsória”, o que leva a situações de sofrimento psíquico a populações dissidentes. Nesse âmbito, a TS compreende as particularidades dessas demandas sociais e fornece subsídios para intervenções educacionais que trabalhem estas normas vigentes que, muitas vezes, vão contra a proposta de igualdade de gênero nestes espaços sociais (Severiano, 2007).

A metodologia desenvolvida por Fernando González Rey, baseada na TS, une características complementares, como complexidade e dinamicidade, no processo de subjetividade – apontando-se como um caminho fértil para os estudos sobre gênero e sexualidade.

Primeiramente, a TS, por considerar os processos subjetivos como multifatoriais e dinâmicos, favorece a compreensão das experiências de gênero e sexualidade. Essa perspectiva enfatiza o impacto de influências sociais, culturais e históricas, como categorias de gênero, valores familiares e discursos religiosos que constroem vivências individuais. Além disso, ressalta-se a importância das redes de apoio, como família, amigos e grupos sociais, no processo de elaboração da subjetividade individual (Mendes & Mori, 2023; Meireles & Ferrarini, 2023).

Além disso, em contextos educacionais, a metodologia construtivo-interpretativo de González Rey mostra-se perspicaz na compreensão da produção de sentidos subjetivos, ao valorizar esses processos como centrais. Essa perspectiva centra-se na subjetividade, explorando concomitantemente como estas práticas educacionais interferem na formação de sentido subjetivos positivos. É inegável que determinados ambientes e contextos podem ser imprescindíveis na superação de adversidades e a construção de uma subjetividade individual positiva (Matthke, 2020).

De maneira geral, a metodologia proposta por González Rey, a partir da TS e da

Epistemologia Qualitativa, favorece análises minuciosas referente aos estudos de gênero e sexualidade, preservando a dinamicidade dos processos subjetivos. No entanto, torna-se uma execução prática metodológica desafiadora, tendo em vista a complexidade dos fenômenos. Conclui-se que a TS de González Rey pode ser considerada uma ferramenta poderosa na elaboração de produção científica, mas requer uma operacionalização adequada, cuidadosa e reflexiva para ampliar seu potencial aos estudos de gênero e sexualidade.

Considerações finais

Este artigo revisou a produção científica acerca sobre a temática de sexualidade e gênero a partir das contribuições da Teoria da Subjetividade de González Rey, destacando estes constructos como processos dinâmicos e socialmente construídos. Entretanto, é válido ressaltar que a análise consistiu em uma única base de dados, que indicou a subjetividade sendo constituída por normas sociais, políticas de saúde, práticas educacionais e a interferência de contextos familiares. Ainda assim, foram observadas as contribuições multifatoriais dos estudos no que se refere ao sofrimento psíquico e impactos na saúde mental, além de revelar fatores de proteção à saúde mental como a rede de apoio.

A TS de González Rey dialoga com as teorias de Judith Butler sobre performatividade de gênero, as análises de Michel Foucault sobre biopoder e sexualidade e o recorte sociocultural na construção desses conceitos proposto por Berenice Bento. Diferente desses autores, González Rey destina seu olhar à subjetividade como um processo integrativo e dinâmico, o que permite aos autores discutirem sexualidade e gênero e produzirem uma análise mais robusta e complexa.

As contribuições da TS podem ser consideradas relevantes para estudos de gênero e sexualidade, à medida que oferecem novas formas de entender e abordar aspectos relacionados às identidades e relações sociais. Esta teoria estimula um olhar mais inclusivo e

abrangente sobre esses fenômenos, conforme apresentado pelos estudos analisados nesta produção, como a aplicação da teoria colabora para dismantelar preconceitos, discriminações e estigmas, promovendo espaços mais seguros para pessoas LGBTQIA+.

Este artigo se limitou a uma revisão narrativa, o que pode não abranger todas as nuances e complexidades da literatura disponível. Adicionalmente, a interpretação e a compilação dos dados podem sofrer influências significativas do sentido subjetivo dos autores. Desta forma, futuras pesquisas poderiam colaborar para estes fenômenos estudados.

Os resultados encontrados neste artigo têm implicações práticas que podem atuar como pressupostos que mobilizem políticas públicas de saúde no sentido de estimular a subjetividade individual de maneira significativa, negociando com o cenário marcado por preconceito e estigma, promovendo bem-estar e segurança. A formação inclusiva de profissionais é fundamental para reduzir o sofrimento psíquico e promover saúde mental nestes espaços. Sugerem-se novos estudos que explorem a intersecção entre subjetividade, gênero e sexualidade em diferentes contextos socioculturais a partir da metodologia construtivo-interpretativa de González Rey.

Esta produção científica contribui para uma compreensão mais robusta e complexa sobre gênero e sexualidade, estimulando a continuidade de pesquisas que utilizem a TS. Essa abordagem oferece ferramentas consideráveis para análise crítica e a intervenção em diversos contextos, o que colabora para o avanço dos estudos nesse âmbito. A TS se mostra eficaz, mas requer rigor ao operacionalizar para que amplie seu potencial nesse campo de estudo..

Referências

Alves, A. L. (2022). *Potencialidades dos processos psicoterapêuticos na desconstrução da bifobia, da lesbofobia e do sexismo* [Monografia, Centro Universitário de Brasília - CEUB]. Repositório Institucional da CEUB.
<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/16111>

- Bento, B. (2017). *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiênciatransexual* (3ª ed.). Garamond. Devires.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Routledge.
- Carvalho, A. B. R. (2022). *As desigualdades nas relações de gênero e o sofrimentopsíquico* [Monografia, Centro Universitário de Brasília - CEUB]. Repositório institucional da UniCEUB. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/16330>
- Carvalho, K. J. de M. (2016). *Os sentidos subjetivos da homossexualidade em um contexto evangélico* [Monografia, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB].Repositório Institucional da UniCEUB. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/10342>
- Casarin, S. T., Porto, A. R., Gabatz, R. I. B., Bonow, C. A., Ribeiro, J. P., & Mota, M. S. (2020). Tipos de revisão de literatura: Considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*, 10(5), 1–15.
<https://doi.org/10.15210/jonah.v10i5.19924>
- Ciasca, S., et al. (2021). Definições da sexualidade humana. In. Ciasca, S. V., Hercowitz, A. & Lopes Júnior, A. (Eds.), *Saúde LGBTQIA+ práticas de cuidado transdisciplinar* (Cap. 2, pp. 12-18). Editora Manole.
- Coelho, N. B. (2013). *A subjetividade gay no contexto da profilaxia pós-exposição*(PEP-Sexual) [Monografia, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB]. Repositório Institucional do UniCEUB.
https://core.ac.uk/display/187130134?utm_source=pdf&utm_medium=banner&utm_campaign=pdf-decoration-v1
- Cordeiro, A. M., Oliveira, G. M., Rentería, J. M., Guimarães, C. A., & Grupo de Estudo de Revisão Sistemática do Rio de Janeiro (GERS-Rio). (2007). Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, 34(6), 428–431.
<https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>

- Foucault, M. (1978). *The history of sexuality: An introduction* (Vol. 1). PantheonBooks.
- González Rey, F. (1997). *Epistemología cualitativa y subjetividad*. Educación Cubana.
- González Rey, F. (2002). *Sujeto y subjetividad: Una aproximación histórico-cultural*. Thomson.
- González Rey, F. L. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. Thomson.
- González Rey, F. L. (2011). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo, SP: Cengage Learning.
- González Rey, F. L., & Mitjáns Martínez, A. (2017). Epistemologia qualitativa: seus caminhos, avanços e desafios nos últimos vinte anos. In F. L. González Rey & A. Mitjáns Martínez (Orgs.), *Subjetividade: teoria, epistemologia e método* (pp. 7-36). Alínea.
- Goulart, D. M., Patiño Torres, J. F., Mitjáns Martínez, A., & Esteban-Guitart, M. (2020). Vida e legado de Fernando González Rey: Introdução à revista em sua homenagem. *Alternativas Cubanas em Psicologia*, 8(23), 7-13.
<https://www.researchgate.net/publication/358353173>
- Matthke, L. (2020). *Transfobia, saúde mental e a subjetividade: Um estudo de caso* [Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB]. Programa de Iniciação Científica – PIC/UniCEUB.
<https://doi.org/10.5102/pic.n0.2019.7518>
- Meireles, V. H. B., & Ferrarini, N. da L. (2023). Saídas do armário diferentes em tempos diferentes: A heteronormatividade e suas implicações subjetivas em universitários cis-gays. *Brazilian Journal of Development*, 9(1), 3636-3657.
<https://doi.org/10.34117/bjdv9n1-251>
- Mendes, R. P., & Mori, V. D. (2023). A família nos processos subjetivos de pessoas LGBTQIA+. *Revista TEL – Tempo, Espaço, Linguagem*, 14(1), 304-323.
<https://doi.org/10.5935/2177-6644.20230016>.
- Miranda, P. R. M., & Alves, J. M. (2019). Educação sexual na escola: A construção do

processo dialógico e a produção de sentidos subjetivos sobre sexualidade. In: *II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade*, Brasília, DF.

<https://proceedings.science/p/110458>

Moncayo Quevedo, J. E. (2017). *Educación, diversidad sexual y subjetividad: Una aproximación cultural-histórica a la educación sexual escolar en Cali-Colombia* [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.

<http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/23565>

Severiano, H. C. (2007). *As configurações do gênero na subjetividade: um olhar sócio-histórico sobre os papéis sexuais* [Monografia, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB]. Repositório Institucional da UniCEUB.

<https://core.ac.uk/download/pdf/187130134.pdf>

Soares, C. R. C., & Patiño Torres, J. F. (2022). Poliamor: Afinal o que a comunicação tem a ver com isso?. *Revista Fermentario*, 16(1), 7-22. <https://doi.org/10.47965/fermen.16.1.2>

Souza, E. C., & Torres, J. F. P. (2019). A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, 3(1), 34-57.

<https://doi.org/10.14393/OBv3n1.a2019-50574>

Artigo 2: Sofrimento social na trajetória de vida de pessoas trans

Resumo

Este estudo investigou as trajetórias de vida e acadêmicas de dois estudantes trans de pós-graduação, nomeados ficticiamente de Caetano e Klaus, com o objetivo de compreender suas experiências de sofrimento social e as estratégias de enfrentamento usadas ao longo de suas histórias. Baseado na metodologia construtivo-interpretativo de González Rey, esse manuscrito utilizou entrevistas de História de Vida Oral Temática como instrumento principal para coleta de dados, que foram realizadas de forma remota e analisadas com foco nas dimensões subjetivas e sociais do sofrimento vivenciado. Os resultados enfatizaram como as categorias de gênero e as discriminações sociais e estruturais impactaram na construção de subjetividade individual dos participantes. Ambos reforçaram que a escola foi um espaço de exclusão e violências, enquanto que a pós-graduação foi um ambiente mais acolhedor, considerando relações interpessoais com orientadores e colegas. Conclui-se que práticas educacionais inclusivas e sensíveis às questões de gênero e sexualidade são essenciais para transformar os espaços educacionais em locais acolhedores, promovendo maior equidade e respeito às diferenças. O estudo contribui para a ampliação do debate sobre sofrimento social, subjetividade e inclusão, oferecendo reflexões importantes para os campos da educação e da saúde mental.

Palavras-chave: Identidade de gênero; Sofrimento social; Teoria da Subjetividade.

Abstract

This study investigated the life and academic trajectories of two transgender postgraduate students, fictitiously named Caetano and Klaus, with the aim of understanding their experiences of social suffering and the coping strategies employed throughout their stories. Based on González Rey's constructive-interpretative methodology, this manuscript utilized

Thematic Oral Life History interviews as the primary data collection instrument, conducted remotely and analyzed with a focus on the subjective and social dimensions of the suffering experienced. The results highlighted how gender categories and social and structural discrimination impacted the construction of the participants' individual subjectivity. Both emphasized that school was a space of exclusion and violence, whereas postgraduate education provided a relatively more welcoming environment. It is concluded that inclusive and gender-sensitive educational practices are essential to transforming educational spaces into welcoming environments that foster greater equity and respect for diversity. This study contributes to the broader debate on social suffering, subjectivity, and inclusion, offering important reflections for the fields of education and mental health.

Keywords: Gender identity; Social suffering; Theory of Subjectivity.

Introdução

O sofrimento social é um termo utilizado para se referir às experiências de dor e marginalização resultantes das interações entre indivíduos e as estruturas sociais, políticas e culturais. O estudo de Mota et al. (2022) exemplifica essas interações ao destacar como práticas discriminatórias, como a negação do nome social e a transfobia institucionalizada no Sistema Único de Saúde (SUS), intensificam a marginalização de pessoas trans. Essas práticas não apenas desumanizam, como também dificultam o acesso aos cuidados de saúde, reforçando o sofrimento social dessa população.

Os resultados encontrados por Silva et al. (2022) complementam essa perspectiva ao explorar como as formações sociais são pautadas de forma sexista, o que gera sofrimentos para todos, tanto para aqueles que se identificam com a cisheteronormatividade quanto para aquelas pessoas que destoam desse espectro, como é o caso da comunidade trans. Esse sofrimento, portanto, não é apenas uma experiência individual, mas também existem recortes

sócio-históricos que sustentam as normas de gênero e poder, favorecendo exclusões e desigualdades que impactam consideravelmente a subjetividade de quem infringe essas normativas.

No que se refere às pauta da transexualidade, o sofrimento social pode se manifestar de muitas formas. Os autores Mota et al. (2022) destacam que a resistência em utilizar o nome social em serviços de saúde pode ser considerada um gatilho para tal sofrimento, visto que implica desumanização, invisibiliza e patologiza as identidades destas pessoas.

De acordo com Silva et al. (2022), a vivência de situações como essas contribui negativamente no acesso desse público à saúde, tendo o comportamento de automedicação como estratégia de evitar possíveis constrangimentos e, conseqüentemente, situações que potencializem o sofrimento. Além disso, os autores adicionam que as normas de gênero, que são construídas socialmente, impõem sofrimento sobre a subjetividade de todos, o que atinge de maneira violenta e especial aqueles que transgridem tais normativas. Neste cenário, as pessoas trans encaram muitos riscos à saúde mental, como as dificuldades nas relações familiares e amorosas, experiências de discriminação e preconceito em lugares sociais, como na escola e/ou no trabalho, ameaças à segurança pessoal e enfrentam conflitos referentes à percepção e aceitação de seus próprios corpos.

Além dos empecilhos com o acesso à saúde, Silva et al. (2022) consideram que a exclusão social e econômica é uma realidade constante para muitas pessoas trans, e se configura também como sofrimento social. A somatória de dificuldades de acesso ao mercado de trabalho formal e discriminação em serviços essenciais resultam numa equação equivalente à marginalização e invisibilidade desta população.

Essa restrição não ocorre apenas em contextos laborais, pois, de acordo com os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2022), cerca de 90% das pessoas trans no Brasil enfrentam discriminação em instituições educacionais. Esses números

justificam os índices de evasão escolar e restrições do acesso ao ensino superior de pessoas trans. Além disso, a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos, conforme indicam Silva et al. (2022), sendo significativamente abaixo da média nacional. Outro dado complementar, que já era apontado por Benevides e Nogueira (2020), é que o Brasil ocupa o primeiro lugar no *ranking* mundial de assassinatos contra pessoas trans, com 124 mortes registradas em 2019, por 16 anos consecutivos.

Com isso, as discussões sobre identidade de gênero e inclusão social têm ganhado espaço nos debates acadêmicos e sociais, o que reflete uma crescente conscientização sobre a importância de políticas públicas inclusivas. O reconhecimento de direitos fundamentais, como o uso do nome social em documentos oficiais e o acesso aos serviços de saúde sem discriminação são considerados passos essenciais para a promoção de uma sociedade mais igualitária (Silva et al., 2022; Mota et al., 2022).

A temática deste estudo surge como interesse de pesquisa quando, na prática clínica, o pesquisador observou as nuances do sofrimento social enfrentado pela população trans. A pouca representatividade e as experiências de discriminação e exclusão social no contexto acadêmico superior trazidas pelas pessoas trans com as quais esteve em contato a partir da prática clínica levantaram questões sobre os impactos biopsicossociais desses desafios. Posto isto, objetiva-se compreender as experiências de sofrimento social de pessoas trans em suas trajetórias de vidas e acadêmicas e explorar as estratégias de enfrentamento utilizadas.

Aspectos metodológicos

Este estudo exploratório-descritivo e inspirado na Epistemologia Qualitativa de González Rey busca compreender as experiências de sofrimento social vivenciadas por pessoas trans em suas trajetórias de vida e acadêmicas. Para a Epistemologia Qualitativa (EQ), o conhecimento é produzido, ou seja, ele se dá no encontro entre pesquisador e

participante(s) a partir de instrumentos criados na perspectiva de um modelo compreensivo sobre o tema eleito para a pesquisa. Em especial, a EQ entende as investigações singulares, especialmente sob a forma de estudos de casos, para a construção do conhecimento (Gonzalez Rey, 2005). Adotamos, portanto, a metodologia construtivo-interpretativa de González Rey, que se destaca por sua integração entre teoria, epistemologia e prática, e considera o pesquisador como participante ativo no processo de construção de conhecimento. O enfoque dialógico e processual permite uma investigação aprofundada da subjetividade, além de ser considerado fundamental para a compreensão da realidade humana (Mitjáns Martínez, 2019).

Ainda com base na obra de González Rey (1997) e em sua Teoria da Subjetividade, entende-se a subjetividade como a capacidade de produzir sentidos a partir das experiências vividas, integrando processos individuais e sociais de forma singular. Trata-se de um sistema simbólico-emocional que não apenas emerge da interação entre sujeito e sociedade, mas também contribui ativamente para a construção da realidade humana. Nesse sentido, a subjetividade é simultaneamente constituída e constituidora da cultura, sendo moldada por processos sociais e históricos que a situam em diferentes contextos e momentos (González Rey & Mitjáns Martínez, 2017)

A Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-Interpretativa serviram como referenciais que inspiraram esta pesquisa; no entanto, não foi realizada uma construção interpretativa nos formatos propostos por essas abordagens. O que se desenvolveu, de fato, foi uma análise minuciosa das narrativas e observações produzidas ao longo do trabalho de campo.

Para a produção das informações, este estudo foi baseado nas entrevistas de História de Vida Oral Temática (Meihy & Barbosa, 2007), as quais exploram as trajetórias de vida dos participantes, com enfoque nas experiências de situações específicas, isto é, nas temáticas a serem aprofundadas. No caso desta pesquisa, as temáticas de aprofundamento são

experiências potenciais ao sofrimento social nas esferas acadêmicas e interpessoais.

Elaborou-se um roteiro de entrevista semiestruturada a partir da perspectiva da História de Vida Oral Temática (Apêndice C) que abordou inicialmente alguns dados pessoais e sociodemográficos, como idade, sexo, identidade de gênero, área da pós-graduação, cidade de origem, cidade de residência, escolaridade. Em continuidade, investigou-se a história de vida do participante de forma livre, no intuito de que o participante escolhesse de que forma e a partir de que ponto gostaria de contar sua história de vida. Por fim, esse roteiro também explorou questões temáticas, como os motivos de ingresso na pós-graduação, o relacionamento com os colegas, professores e orientadores, avaliação das disciplinas cursadas, experiências que levaram ao sofrimento psíquico durante o percurso acadêmico, modos de enfrentamento e implicações desse sofrimento nas relações interpessoais.

Para este estudo, as entrevistas foram realizadas de forma remota utilizando-se a plataforma *Microsoft Teams*, em conformidade com as orientações éticas do Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, com dois participantes que se encaixavam nos critérios de inclusão: estudantes trans e matriculados em programas de pós-graduação *stricto* ou *lato sensu*.

Os convites para participação deste estudo foram divulgados nas redes sociais do pesquisador e em grupos específicos, como as redes sociais da ANTRA e do Coletivo TransUfba. Outra forma de divulgação foi contatar as secretarias de Programas de Pós-Graduação de algumas universidades para que colaborassem com a propagação do convite. A escolha dessas universidades foi baseada na observação de redes sociais e também devido às publicações acadêmicas relacionadas à temática, permitindo identificar as instituições que tinham maior aderência ao perfil da pesquisa. Aos interessados, foi disponibilizado um formulário do *Google Forms* para que se inscrevessem fornecendo seus contatos para que, posteriormente, fossem enviadas informações detalhadas por *e-mail*, incluindo o TCLE,

assegurando a confidencialidade e o anonimato dos dados coletados.

Em relação à seleção dos participantes, foram utilizados como critérios de inclusão a pessoa se identificar como trans e a matrícula ativa em programa de pós-graduação *stricto sensu*. Devido às dificuldades encontradas em acessar essa população específica, foi necessário ampliar o escopo para incluir pessoas que também fazem pós-graduação *lato sensu*.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição proponente do estudo sob o CAAE (65230622.2.0000.5152) e parecer nº. 5.796.271, garantindo que os procedimentos éticos fossem seguidos rigorosamente. Os participantes deste estudo, identificados como Caetano e Klaus – ambos são nomes fictícios para preservar a identidade, conforme previsto o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O nome “Caetano” foi escolhido pelo pesquisador, já que o participante se absteve de sugerir, enquanto “Klaus” foi indicação própria. O primeiro participante, Caetano, identifica-se como homem trans e tem 36 anos. Já Klaus se identifica como uma pessoa não-binária e tem 25 anos.

As entrevistas com Caetano e Klaus aconteceram em dois momentos diferentes. A primeira, realizada com Caetano no dia 15 de fevereiro de 2023, foi influenciada por certa ansiedade, tanto do pesquisador, que receava perder o foco das perguntas e/ou adotar uma postura clínica, quanto Caetano, que encontrou desafios para organizar suas ideias de forma sequencial. Esses fatores prejudicaram a fluidez do diálogo, tornando necessária uma segunda etapa, realizada no dia 1º de março de 2023. Nesse segundo encontro, ambos estavam mais à vontade, permitindo uma conversa mais orgânica, detalhada e natural. Em relação ao tempo de cada entrevista, foi respeitado o limite de 90 minutos, conforme prevê o TCLE.

A entrevista com Klaus seguiu um processo parecido, sendo agendada para o dia 28 de setembro de 2023, após ele ter demonstrado interesse em participar por meio do

preenchimento do formulário de inscrição. Devido à disponibilidade do participante, agendamos a segunda parte da entrevista para outro horário no dia 30 de setembro de 2023. Diferente de Caetano, Klaus se mostrou articulado e comunicativo, resultando em uma entrevista com mais detalhes e, no segundo dia, ultrapassou os 90 minutos inicialmente pré-definidos, com o consentimento do participante para dar continuidade.

O audiovisual das entrevistas foi gravado com a permissão dos participantes e, em seguida, o material foi transcrito e analisado conforme à metodologia construtivo-interpretativa de González Rey. Essa abordagem identifica os processos subjetivos e as dinâmicas do sofrimento social, destacando a interferência dos contextos sociais e culturais, a partir das análises das narrativas dos participantes (González Rey, 2011).

Nesta versão preliminar do artigo, no exame de qualificação, apresentamos as principais temáticas de cada entrevista. Essa separação de temas foi efetuada a partir de leituras sucessivas das transcrições literais. Após a etapa de qualificação, novas leituras das transcrições foram realizadas e, inspirado em Robles-Silva (2021), a análise das transcrições foi realizada a partir das descrições de experiências vividas. A autora sugere que a partir do relato detalhado de um evento ou processo seria possível “tornar compreensível uma noção ‘invisível’ ou um aspecto não percebido à primeira vista” (Robles-Silva, 2021, p. 251), primeiramente expondo-a e em seguida analisando.

Resultados e Discussão

Os participantes deste estudo, Klaus e Caetano, identificavam-se como pessoas trans; Klaus como pessoa não-binária e Caetano como homem transexual, e suas histórias de vidas e trajetórias de transição contribuem consideravelmente para discussões a respeito dos desafios enfrentados no contexto educacional e social (Quadro 3).

Quadro 3 – Caracterização dos participantes

Nome	Idade	Sexo	Identidade de gênero	Orientação sexual	Parceria amorosa	Cor/Raça	Estado	Religião	Escolaridade
Caetano	36	<i>Masculino</i>	Homem Transexual	Hétero	Não	Pardo	Bahia	-	Mestrando
Klaus	25	Feminino	Não- binário	<i>Lésbica</i>	Sim	Branco	Minas Gerais	Ateísmo	Doutorando

Fonte: autoria própria

Os participantes desta pesquisa são Caetano e Klaus, ambos com formação acadêmica avançada em suas respectivas áreas. Caetano possui graduação em licenciatura e bacharelado na área de humanas e, atualmente, é mestrando na área de educação. Durante a graduação, vivenciou o processo de transição de gênero, o que se tornou um elemento central em sua trajetória acadêmica e subjetiva. Na entrevista, ao ser questionado sobre o sexo biológico, respondeu “masculino”, conforme destacado no Quadro 3, evidenciando a complexidade das categorias identitárias. Ainda sobre o Quadro 3, referente à religião, Caetano afirma ter uma crença, apesar de não seguir nenhuma religião.

Klaus, por sua vez, tem formação em ciências biológicas e exatas, com mestrado e doutorado em andamento na mesma área com interface nas áreas da terra e das engenharias. Sua vivência da não-binaridade emerge a partir de relações interpessoais que, inicialmente, eram categorizadas como lésbicas, o que o levou a refletir sobre os limites e possibilidades das definições de identidade de gênero e sexualidade. Identifica-se confortavelmente com

pronomes masculinos, femininos e neutros, e sua expressão de gênero transita entre elementos tradicionalmente associados ao masculino e ao feminino, como vestimentas e acessórios. No entanto, apesar dessa fluidez identitária, ainda é majoritariamente percebido/a como mulher.

A seguir, ainda nesta seção, serão apresentados os casos entrevistados, com recortes dos relatos servindo de fios condutores para ampliarem o entendimento acerca das histórias de vidas destes estudantes.

(a) Caetano

A origem familiar do Caetano: somos unidos pela dor

As experiências de abandono, dor e violência marcaram profundamente a experiência do convívio familiar de Caetano. Sua trajetória reflete um ciclo contínuo de sofrimento, especialmente na infância, período em que presenciou e foi atravessado por uma série de agressões em sua família nuclear. Seu pai, caracterizado por ele como alguém com comportamentos extremamente agressivos, era considerado o principal agente desses conflitos. Diante desse cenário hostil, sua mãe tomou a decisão de separar os filhos entre familiares que residiam na mesma cidade interiorana da Bahia, com o objetivo de protegê-los dos episódios de violência e agressão.

Apesar do sofrimento inerente a essa separação, essas experiências promoveram uma união significativa entre os irmãos, conforme ele relata com um tom de voz mais baixo e um semblante triste:

"a família tem um histórico muito sofrido e de abandono... Fomos separados na infância. Metade foi para uma parte e a outra para outro lado. Quando minha mãe pegou todo mundo e trouxe para cá [interior de Minas Gerais, em que reside atualmente], parece que todo mundo teve aquela sensação de proteger um ao outro."

Por crescer em um ambiente conflituoso, Caetano desenvolveu comportamentos

agressivos e adotou uma comunicação marcada pela violência, reflexo direto do que presenciou durante sua formação na infância e adolescência. Esses comportamentos manifestavam-se, sobretudo, no contexto escolar, como uma forma de autoproteção e de proteção à sua irmã mais nova, que estudava na mesma sala e com quem compartilhava experiências de *bullying*. Ele descreve a complexidade das agressões sofridas com um tom de voz mais exaltado e com raiva:

"eram muitas. Não tinha como separar. Quando não dava mais certo de violentar por xenofobia, entrava nos aspectos de racismo. Quando não dava mais a questão do racismo, já entrava... E agora eu já não sei o que falar... Qual é o termo... Se é lesbofobia ou transfobia por causa do meu jeito, porque eu não tinha feito...".

Um episódio particularmente marcante foi o que Caetano descreveu como um "corredor polonês" na escadaria da escola. Os colegas adaptaram a música de abertura do desenho animado "Bananas de Pijamas" – popular no final da década de 1990 e início dos anos 2000 – para ridicularizá-lo junto com sua irmã enquanto desciam as escadas:

"imagina eu da Bahia descendo às escadas com a minha irmã. Pensa na musiquinha. Em vez de 'bananas de pijama' era 'baianas de pijama', entendeu?! Juntava todo mundo ao final da escada e ficavam esperando a gente descer enquanto eles cantavam a musiquinha...".

Enquanto ele comentava sobre esse dia, ele sorria – não com expressão de quem acha engraçado, mas com raiva, inconformismo e revolta pela discriminação sofrida. No entanto, o histórico de abusos, de *bullying* e de violências não se restringiu ao ambiente familiar e escolar durante a infância e adolescência. Na vida adulta, Caetano continuou a enfrentar situações similares, ainda que com outras nuances.

Durante o processo de transição para se identificar como homem trans, ele experimentou o desconforto e o desafio de viver em uma sociedade regida pela binaridade.

Simultaneamente, questionava as categorizações que as pessoas insistiam em impor, refletindo sobre a necessidade social de rotular identidades e expressando indignação com a modulação de voz e com os gestos:

"o ser humano é classificado para se encaixar em alguma coisa, entendeu?! Porque se ele não for, ele fica deslocado e a gente tem essa necessidade de se encaixar em alguma coisa. [...] Então, se eu não me enquadro, eu não tenho uma identidade... Dizem! Até indigente tem uma identidade..."

A ideia de "encaixar-se" é central em sua narrativa. Caetano reflete sobre a necessidade imposta pela sociedade de que as pessoas se enquadrem em classificações pré-estabelecidas, reforçando que, sem essa categorização, corre-se o risco de viver como alguém sem identidade. O desconforto em não poder fazer parte do grupo desejado é acentuado por suas memórias sobre a época da primeira faculdade, em que, antes da transição, evitava trocar de roupa nos vestiários femininos, sentindo-se deslocado e obrigado a usar um maiô em situações de prática do curso superior, o que era profundamente constrangedor para ele.

Além das tensões pessoais, ele enfrentou obstáculos institucionais significativos. Um episódio emblemático foi a impossibilidade de realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) devido à divergência entre seu nome social e o registrado na Receita Federal. O constrangimento gerado por essa situação o levou a abdicar da participação no exame, evidenciando como a falta de reconhecimento institucional das identidades trans pode criar barreiras de acesso em processos educacionais fundamentais, como relata, expressando desconforto com essa situação.

"quando fui fazer o ENEM. Meu nome não tinha sido mudado ainda na Receita Federal e veio o nome anterior, aí não fiz o ENEM. Eu não ia lá, né?! Tipo [risos]... Eu já tinha mudado o meu documento, já estava diferente e chegar lá... Eu acho que deu um pouco de constrangimento, então eu deixei de fazer. Mas, então, só foi essa

intercorrência que teve mais nada. Eu transito bem em qualquer lugar sem nenhum problema."

Ao ingressar no mestrado, Caetano experimentou uma mudança. O ambiente acadêmico da pós-graduação, embora ainda imerso em estruturas binárias, proporcionou um certo alívio. Comparado aos níveis anteriores de ensino, ele encontrou maior acolhimento e respeito, o que foi percebido como um "livramento" parcial do sofrimento vivido até então, conforme afirma com um certo alívio estampado em seu rosto: *"se eu não tivesse feito todo esse processo antes de entrar no mestrado, talvez eu poderia ter algum problema, né?... Eu digo que esse nome social, algum problema de usar para usar o banheiro..."*.

Constrangimento por habitar um mundo binário

A transição de Caetano pode ser considerada como um processo profundo de mudança pessoal, que contrasta com a imutabilidade das normas sociais e o mundo binário em que vive. Durante o período da licenciatura, ele já havia iniciado alterações físicas, como cortar o cabelo, buscando uma identidade que o tornasse mais alinhado com a imagem que tinha de si mesmo: *"a primeira coisa que acontece é cortar o cabelo, para ver se fica mais idêntico, mais caracterizado, performado."*, disse, enquanto sorria – interessante como em cada emoção o sorriso aparece ganhando tonalidades diferentes.

Caetano relembra como, antes da transição, seu comportamento era modelado pela necessidade de aceitação. No entanto, após a transição, essa necessidade desaparece: *"o meu comportamento de antes era para eu ser aceito e hoje eu não preciso disso."*, reconhece, mas aceita como parte do processo. Ele narra a constante tentativa de se ajustar, sem pender para um lado binário: *"eu tento todos dias me ajustar, de uma forma que não penda para um lado nem para o outro – que eu me mantenha equilibrado."*, afirma, enquanto, com as mãos, indicam uma espécie de balança para referenciar o equilíbrio.

O sentimento de deslocamento também se faz presente ao falar das interações sociais.

Ele menciona as dificuldades em estabelecer conexões mais íntimas, especialmente quando as pessoas descobrem que ele é trans: "*de repente, eu fico sabendo que você é uma pessoa trans e que fez hormonização. Eu já vou mudar demais, eu vou mudar minha forma de falar com você.*". Ele relata como esse conhecimento sobre sua identidade pode rapidamente alterar o comportamento dos outros, introduzindo falas transfóbicas que rompem o afeto que havia sido conquistado – externalizando sua raiva, revolta e inconformidade.

Ele também reflete sobre o desconforto em relação à categorização social, principalmente em espaços que reforçam a divisão de gênero, como exemplificado pelas práticas na licenciatura, como banheiros e vestimentas: "*você fica do lado das mulher ou do lado dos homens? Você vai para o banheiro feminino ou banheiro masculino?*" – além de demonstrar incômodos ao revistar essas lembranças, confessava que já passou, mas que na época era muito triste ter que passar por isso.

Apesar de seu corpo físico modificado facilitar a socialização com homens cis, ele confessa sentir mais dificuldade em se conectar com mulheres, mencionando que elas não têm o mesmo olhar que antes, e que muitas nem sabem que ele é trans.

Esse deslocamento social o acompanhou ao longo da vida, ainda mais reforçado nas experiências práticas da licenciatura, onde Caetano não era aceito nem pelas meninas, nem pelos meninos: "*eu ia para o lado das meninas e elas não me aceitavam lá porque consideravam que meu lado era dos meninos. Aí eu ia para o lado dos meninos e a professora: ‘fulana de tal, o que você está fazendo aí? Seu lugar é lá!’ Aí eu ficava no meio*", consternado, relata o quanto situações como essas o deixavam constrangido.

Ele narra com alívio alguns episódios marcantes, como a sua formatura da licenciatura, em que a escolha de vestir um terno, em vez de um vestido, foi um símbolo de aceitação por parte de seus colegas:

"na formatura teve aquela ‘lereia’ [termo que se refere a algo desnecessário e

constrangedor] *de mulher usa vestido e homem usa terno. Pronto! Eles escolheram isso e eu não quis formar, porque não iria usar vestido. Passei três anos usando essas peças/vestimentas e eu vou colocar um vestido?! [o volume da voz aumenta]... Eu não vou formar! Aí o pessoal da turma que me acolheu e me aceitaram da forma que eu sou, sabe?! Aí... Eu falo no passado e no futuro... Eu era ou eu sou...*".

O desconforto com o olhar direcionado a ele se estende às relações afetivas e terapêuticas. Caetano evita esses espaços: *“eu tenho dificuldade de conversar e interagir, aí eu evito o máximo.”* – enquanto sorri e demonstra ficar com vergonha. As interações frequentemente se tornam constrangedoras, principalmente quando o foco das discussões recai sobre temas falocêntricos ou transfóbicos. Além disso, ele menciona, de maneira firme, a dificuldade em confiar nas pessoas, principalmente, após sentir que houve uma quebra de vínculo, quando se recorda de um fato acontecido entre ele e a psicóloga que o acompanhou no início de sua transição: *“se a pessoa vacilar comigo uma vez, quebra a confiança. Eu não dou outra chance.”* – endossando sua fala com a forma que gesticula.

Sua experiência é marcada por sentimento de frustração e inquietação, repetidamente questionando seu lugar no mundo: *“todo lugar que eu vou sempre repito isso para mim: o que estou fazendo aqui?”*. Essa constante sensação de deslocamento reflete o constrangimento e o desconforto de habitar um mundo que não parece disposto a mudar, mesmo quando ele próprio já passou por transformações tão significativas.

Produtivismo e Sofrimento na Pós-Graduação

A experiência de Caetano reflete um embate entre as demandas acadêmicas e as dificuldades cognitivas que ele enfrenta desde a infância. Sua narrativa revela o quanto o ambiente acadêmico pode se tornar fonte de frustração e sobrecarga emocional, especialmente para aqueles que, como ele, lidam com desafios de aprendizagem.

Logo no início de seu relato, Caetano expressa uma sensação de deslocamento durante

as aulas: “*a professora da disciplina bombardeando de texto, era reunião e o povo falando... Eu não estava entendendo nada.*”, acompanhando com gestos como quem está perdido. Essa declaração evidencia a dificuldade em acompanhar as discussões e o ritmo exigido no mestrado, gerando um sentimento de inadequação diante dos colegas. Ele complementa essa percepção ao relatar que, em uma situação, não conseguiu lembrar uma pergunta que havia feito a uma colega, e isso o deixou desconfortável e perdido: “*ela me pediu para repetir a questão e eu não sabia o que tinha perguntado. Eu não lembrava mais a pergunta*”, o que o levou a um constrangimento profundo.

Esses episódios destacam a continuidade de dificuldades que Caetano já enfrentava na educação básica, as quais permanecem latentes em sua vida adulta. Ele reflete sobre sua trajetória escolar como marcada por uma sensação persistente de insuficiência: “*eu me considerava muito burro, sabe?! A professora falou e eu nem sei o que ela disse. Eu sou muito burro.*”, com um tom de voz alterado. O uso repetido do termo “burro” revela o impacto emocional dessas dificuldades, alimentando uma autoestima rebaixada que perpassa sua experiência no ensino superior e, agora, no mestrado.

No contexto da pós-graduação, essas dificuldades se intensificam à medida que as exigências acadêmicas aumentam. Caetano relata o esforço necessário para realizar leituras complexas, mencionando que chega a demorar dois dias para ler um artigo de dez páginas: “*se você me desse um artigo de dez páginas para ler, eu gasto dois dias, dependendo do meu estado. Imagina os textos que eles me passam, que são de 30 folhas.*”. Esse ritmo mais lento de leitura e processamento de informações, comparado ao que se espera no ambiente acadêmico, faz com que ele se sinta frequentemente atrasado, ansioso e pressionado a acompanhar o ritmo dos colegas. Mesmo após grifar as partes que considera importantes, ele relata o quanto a ansiedade intensifica e atrapalha o nível de produtividade que gostaria de ter: “*grifo as partes importantes para ler novamente, mas não sei em qual parte está.*”. Além

disso, sua desorganização com anotações soltas e a dificuldade de consolidar ideias prejudicam ainda mais seu fluxo de estudo e a produção acadêmica.

Essa sobrecarga cognitiva e emocional resulta em uma cobrança interna constante, marcada por sentimentos de incompetência. Ele expressa como, mesmo realizando as tarefas acadêmicas, a sensação de estar parado ou atrasado é predominante: *“na maioria das vezes, eu acordo me sentindo um incompetente, por pensar que não estou produzindo. Todo dia, na verdade, eu penso isso, que estou parado e atrasado e que eu tenho que produzir, produzir, produzir.”*.

Esse ciclo de autocritica e autoexigência se reflete também na dificuldade de relaxar e descansar, o que impacta diretamente sua saúde física e mental. Ele relata problemas de sono, dores de cabeça e cansaço constante, afirmando que não consegue "relaxar o cérebro" e que permanece em estado de alerta, o que compromete seu rendimento acadêmico e sua qualidade de vida. Além disso, há uma resistência ao uso de medicações psiquiátricas devido ao receio de possíveis interações medicamentosas com o hormônio, optando, em contrapartida, pelo consumo de álcool como estratégia de manejo e enfrentamento.

Apesar das adversidades, Caetano reconhece a importância de uma rede de suporte. Seu orientador se destaca como uma figura central nesse processo, oferecendo uma abordagem acolhedora e compreensiva frente às suas dificuldades: *"conversei também com meu orientador sobre isso. Ele me deixa livre para sempre que eu tiver dúvida, posso ligar, caso ache melhor"*, afirma, mas ainda não é o suficiente para se sentir seguro. Esse suporte promove um ambiente de maior segurança e reduz a rigidez com que Caetano encara as demandas do mestrado, além de funcionar como fator de proteção amortecendo o sofrimento e o desconforto relacionados à pós-graduação. Também, uma colega doutora em educação, com quem ele mantém contato no trabalho, oferece suporte prático e emocional, auxiliando-o na organização e no entendimento das tarefas acadêmicas.

Com o tempo, Caetano começou a ajustar suas expectativas e a reduzir a autocrítica excessiva, procurando realizar as atividades conforme as orientações do programa, sem se cobrar além do necessário. No entanto, ele ainda lida com o desafio diário de equilibrar as exigências da produção acadêmica com suas próprias limitações, em um processo contínuo de adaptação.

(b) Klaus

Por não ser a menina bonita da família, tive que ser inteligente

A dinâmica familiar de Klaus é caracterizada por uma distância subjetiva e emocional em relação aos pais, que priorizavam as demandas do trabalho. Ele/a relata que as tentativas de aproximação eram frequentemente recusadas, como na fala: *“pai, vamos ver um filme juntos?”* e a resposta: *“não posso, preciso trabalhar”* ou *“não consigo”*. Essas interações reforçaram nele/a a percepção de que a relação familiar não era uma prioridade, como ele/a expressa com um semblante fechado e gestos de alisar o braço: *“eles nunca também fizeram muita questão de se aproximar de mim”*.

Inserido/a em uma família interiorana e tradicional de Minas Gerais, Klaus enfrentava expectativas familiares relacionadas ao desempenho escolar e à conformidade com padrões de feminilidade e estética desde a infância. Ele/a comenta que os pais cogitaram se esforçar financeiramente para matriculá-lo/a em uma escola particular, associando essa decisão à busca por compensar um imaginário de inadequação corporal: *“porque eu compensava, digamos, por não ser ‘a menina bonita’ da família. Ela tem que ser inteligente, né?”* – relata com ironia e sarcasmo.

Durante a infância, Klaus vivenciou episódios de *bullying* intensificados por dois marcadores: a não conformidade com padrões de feminilidade – evidenciada por comportamentos, vestimentas e adereços – e o estigma relacionado ao corpo: *“eu sofri*

bastante bullying quando era mais nova, por ser uma pessoa gorda e por ser uma criança gorda”. Esses fatores contribuíram para a sensação de inadequação corporal e social.

As experiências escolares de Klaus evocam sentimentos ambivalentes. De um lado, expressa orgulho pela sua trajetória, perceptível pela entonação animada ao narrar suas conquistas. Por outro lado, revela rancor em relação às figuras de autoridade, como professores e a diretora. Um episódio marcante de preconceito foi relatado, quando a diretora ironizou seu comportamento ao brincar com um skate, reforçando estereótipos de gênero: *“uma menina que brinca com coisa de menino”*, seguido de risos direcionados as outras pessoas presentes. A escola, nesse contexto, não apenas reforçou a binaridade de gênero, mas também contribuiu para experiências de sofrimento.

Apesar das adversidades, Klaus demonstrou uma forte conexão com o estudo, descrevendo um “hiperfoco” que funcionava como uma estratégia de enfrentamento. Ele/a encontra prazer nos estudos, interpretando-os como uma forma de ressignificar experiências adversas e estruturar sua trajetória de vida.

No ensino superior, Klaus enfrentou novos desafios, como as lacunas de formação prévia provenientes do ensino público. Os professores frequentemente assumiam que os estudantes dominavam os conteúdos do ensino médio, gerando sentimentos de desamparo. Ele/a também destacou um seminário prolongado que foi particularmente estressante, descrevendo-o como “de terror”, devido às altas expectativas alinhadas às habilidades de pós-graduação, que não eram ainda consolidadas.

A pandemia da Covid-19 impactou significativamente a transição de Klaus para a pós-graduação. Ele relata a dificuldade de assimilar as etapas acadêmicas devido à brusca continuidade entre a graduação e o mestrado: *“eu mal tive colação de grau e já comecei o mestrado [...] não tive aquele momento para pensar: ‘Nossa, eu me formei, agora tenho um bacharelado’*”, como quem está perdido no tempo e nos afetos.

Essa transição abrupta intensificou questões emocionais e psicológicas, mas, ao mesmo tempo, o mestrado trouxe experiências positivas. O bom relacionamento com o orientador e os colegas do programa se destacou. Ele/a menciona que uma conversa inicial sobre o jogo “Life is Strange” fortaleceu o vínculo com o orientador, criando uma conexão descontraída e significativa: “*o jogo nos ‘uniu’*”, diz com um sorriso. Esse vínculo se manteve até a defesa do mestrado, um momento que descreve como emocionante para ambos – abrindo novos campos de subjetivação.

Ele/a também se engajou em ajudar colegas, orientando-os sobre a existência de serviços de psicologia na instituição, demonstrando preocupação social e bom convívio com os pares. No doutorado, vivenciou emoções intensas, desde o entusiasmo pela aprovação até as dificuldades em decidir se mudaria de cidade, devido à possibilidade de separação de sua parceira. A situação se ajustou quando ela também conseguiu uma oportunidade em outra instituição, permitindo que Klaus seguisse com seus planos.

Na cidade atual, ele/a percebeu diferenças culturais no ambiente da pós-graduação. Klaus observa que os colegas, em sua maioria locais, formam grupos fechados e impermeáveis: “*aqui eu vejo que muita gente é da cidade mesmo [...] já se conhecem*”. Por outro lado, ele, contente, atribui à sua origem mineira uma postura receptiva e extrovertida: “*quando falam que mineiro é receptivo, percebi isso aqui*”. Klaus também reconhece as habilidades desenvolvidas ao longo da trajetória acadêmica, como a determinação: “*o ‘não’ você já tem, vai atrás da humilhação*”, lembra com humor, ao explicar como aprendeu a lidar com recusas e buscar oportunidades.

Do diagnóstico ao cuidado: uma história de alívio, descobertas e manejos

Aos 12 anos, Klaus foi diagnosticado/a com Síndrome do Pânico, demarcando o início de seus cuidados com a saúde mental, influenciando sua percepção sobre os sintomas e experiências vivenciada ao longo dos anos. Ele/a relata que identificou e compreendeu o

termo “dissociação” recentemente, considerando um sentimento recorrente em sua história – destacando o alívio em poder nomear essa experiência: “[...] *eu pude dar nome aos bois porque eu não sabia que chamava isso*”.

Durante a pandemia da Covid-19, Klaus enfrentou desafios pessoais e acadêmicos. Esse período coincidiu com a piora dos quadros de ansiedade e depressão diagnosticados por um novo profissional após uma crise intensa. Ele/a reflete criticamente a conduta médica durante as avaliações psiquiátricas: “*é muito complicado esse negócio de psiquiatra, alguns em cinco minutos ‘tchau e bença’ e nem conversa com você*”.

Além disso, Klaus menciona as dificuldades acadêmicas, incomodado/a ao resgatar tais lembranças, potencializadas pela ansiedade e depressão: “*a primeira apresentação que eu fiz, eu estava com a minha garganta muito fechada, custando a falar por causa da angústia que eu estava sentindo*”. Essas apresentações online foram desafiadoras, porque exigiam que ele/a se visse na tela, o que aumentava seu desconforto: “*eu não gostava, por exemplo, de me ver [...] é uma coisa que até hoje eu tenho um pouco de dificuldade*”.

No início do isolamento pandêmico, sua namorada retornou para a cidade de origem, enquanto Klaus permaneceu enfrentando a suspensão das atividades universitárias. Nesse mesmo período, passou grande parte do tempo em casa, descrevendo sua rotina como monótona e, ao mesmo tempo, sem sentido: “*eu ficava o dia inteiro extremamente deprimida na minha casa, jogando videogame em ligação com a minha namorada*”.

Em seguida, com o retorno das aulas remotas, Klaus e sua namorada decidiram morar juntos/as em um apartamento, que tinha pouca iluminação solar e muito barulho constante de seus vizinhos. De acordo com o relato dele/a, essas condições acentuaram às questões de saúde mental e física: “*minha vitamina D foi lá para baixo. Engordei pra caramba, depressão lá em cima*”. Frente ao cenário que se formou, o consumo de álcool aumentou significativamente, sugerindo uma maneira de enfrentar ou se anestesiar: “*a gente*

bebia, sei lá, umas 3/4 vezes na semana [...] amenizava algumas coisas, ajudava em muita coisa, só que nessa época estava no fundo do poço”.

Assim como na psiquiatria, Klaus caminhou pela psicologia conhecendo abordagens e psicólogos, de forma a escolher o/a profissional que daria o “match” no quesito vínculo terapêutico. Iniciou o processo psicoterapêutico e uma de suas queixa era a dificuldade de organizar os pensamentos: *“parecia que era como se os meus pensamentos fossem tiros toda hora. Toda bala é um pensamento diferente”* – comentava com inquietação e aflição. A partir dos sintomas, investigou-se os critérios diagnósticos para o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Um dos instrumentos avaliativos era um questionário que incluía questões sobre a infância, com a colaboração de sua mãe, Klaus conta que foi diagnosticado/a: *“eu praticamente gabaritei o teste”* – sorri e expressa desespero na fala e nos gestos.

Conforme o relato de Klaus, o diagnóstico de TDAH trouxe novas perspectivas sobre as experiências vividas desde a infância, como a dificuldade de manter amizades e de demonstrar afeto como as pessoas geralmente demonstram. Ele/a comenta que a percepção de seus familiares a esse respeito era distorcido ou diferente do que percebia: *“achavam que eu era uma pessoa que não ligava para ninguém [...] isso me gerava ansiedade, pensando ‘cara, mas eu me importo com eles, por que que eles acham que eu não me importo?’”*. Dessa forma, o diagnóstico, para Klaus, foi esclarecedor: *“agora eu sei porque eu sou assim e não tem problema eu ser assim [...] não é que eu não ligo, é só uma forma diferente de demonstrar”* – com tom de alívio e de ser compreendido/a, ainda que por um diagnóstico.

Em relação ao manejo dessas condições, Klaus foi submetido/a a diferentes terapias medicamentosas. Ele/a narra emocionado/a a sensação proporcionada pelo medicamento efetivo para os sintomas de TDAH: *“a primeira vez que eu tomei o remédio até chorei de emoção, pensando ‘nossa, então é assim que as pessoas se sentem normalmente?’”*, sugerindo

estabilidade e conforto para o seu cotidiano. Somado ao uso da medicação, ele/a adicionou a prática de exercício físico noturno como estratégia para lidar com o tédio, além de evitar compulsões alimentares que aconteciam nesse período e melhorava sua qualidade de vida.

Contudo, o ajustamento medicamentoso incluiu desafios, como a prescrição inicial de quetiapina, que acentuou os efeitos colaterais: *“me deu muito sono e eu não conseguia fazer nada, nada. Eu dormia praticamente o dia todo”* – diminuindo os níveis de energias, que são associados à deficiência de vitamina D e à depressão.

Na entrevista, quando perguntado/a sobre as medicações que usava, Klaus ironiza a sua rotina medicamentosa: *“vamos lá à lista de beleza [...] eu tomo Puran para o hipotireoidismo; Desvenlafaxina para ansiedade; Donaren para qualidade do sono; e Ritalina para o TDAH”* – sorrindo e debochando da quantidade de medicamentos.

Além do binário: a construção de um eu múltiplo

A história de Klaus é marcada por desafios relacionados às normas de gênero, tendo em vista que ele/a se identifica como uma pessoa não-binária, predominantemente, como agênero. Desde a infância, ele/a expressava desconforto com o papel de gênero que foi imposto, especialmente, pela família. Ao revelar, Klaus enfatiza o desconforto e a inadequação dos padrões de feminilidade: *“desde pequena, eu nunca me senti muito confortável em ser uma menina”*. O fato de não corresponder às expectativas do que é considerado feminino, ele/a acrescenta com um semblante triste: *“eu sempre era considerada na família a pessoa mais ‘feia’, porque não correspondia a essa feminilidade que era imposta, sabe?”*.

Apesar de nunca se identificar com o gênero feminino, Klaus também não desejava transicionar para o masculino. Ao longo do tempo, ele/a explicou que encontrou conforto em características andrógenas: *“quanto mais características andrógenas eu tiver, eu me sinto mais confortável”*, afirmou, com gestos firmes. Isso contribuiu para que o processo de

identificação como uma pessoa não-binária se desse de forma tranquila.

No entanto, esse reconhecimento aconteceu dentro do relacionamento afetivo, junto com alguns receios: “*eu lembro que comecei a chorar e falei ‘eu acho que eu sou não-binário’, com medo de brigarmos*”, relata, modulando a voz como quem chora. Contudo, a sua parceira demonstra-se aberta e o/a acolheu, trazendo alívio: “*hoje é bem tranquilo, sabe?*”, disse, franzindo a testa ao recorda do fato inicial.

Em se tratando das interações sociais, no que se refere à explicar e legitimar sua identidade, Klaus encontra dificuldades constantes, tornando esse movimento exaustivo. Como estratégia de enfrentamento, utiliza-se frequentemente do humor e da ironia para lidar com essas situações: “*estou cansada de dar palestrinha... Se você quer saber, procura, eu não estou aqui para dar palestra, sabe?*”, comenta com deboche e ri. Entretanto, em situações e com pessoas mais íntimas, ele/a busca corrigir de forma mais direta, principalmente, com aquilo que o/a incomoda: “*eu me sinto incomodado quando me chamam de ‘mulher’ ou ‘menina’*”, disse, arqueando a sobrancelha e expressando desconforto. Já com pessoas desconhecidas, para evitar conflitos, utiliza recursos como um GIF do seriado “The Good Place” em que um personagem diz: “*not a girl*”. Ao me contar essa estratégia, Klaus sorri ironicamente.

Além disso, Klaus evidencia sua relação com o próprio corpo, que pode ser considerada repleta de frustração e tentativas de adaptação. Ele/a enfatizou o desconforto que sente em relação aos seios: “*os meus peitos me incomodam bastante*”, relata enquanto gesticula com a mão de maneira enfática. Inicialmente, acreditava que esse incômodo relacionado ao corpo estava diretamente ligado à questões de autoestima e padrões de beleza, mas, com o tempo, percebeu que se tratava de disforia de gênero. Klaus explica, com tom de voz mais reflexivo: “*hoje eu consigo ver que não era isso, e realmente era disforia, sabe?*”.

Apesar desse fator disfórico, ele/a se relaciona bem com a liberdade em transitar

entre os gêneros: “às vezes eu quero me vestir de um jeito mais feminino, às vezes de um jeito mais masculino, às vezes de um jeito mais neutro”, disse, realçando sua relação flexível com a estética.

Embora transite livremente entre os gêneros e isso o/a deixa confortável, Klaus, socialmente, é lido/a como mulher – o que reduz a exposição a transfobia explícita, mas não o/a isenta de vivenciar outras formas de discriminação e violência. Ele/a se irrita ao contar situações de ridicularização, como ouvir frases do tipo: “*nossa, mas não é homem nem mulher, e precisa ser um dos dois*”. Além disso, no jiu-jitsu, por ser considerado um esporte predominantemente masculino, ele/a procurou por informações para compreender como deveria se portar para se proteger de possíveis situações de violência, mas revelou desconforto ao ser colocado/a para treinar com uma feminista radical – conhecida por ter posicionamentos transfóbicos na internet.

A sexualidade humana por si só é complexa, ainda mais quando observamos aquelas que fogem aos padrões binários impostos socialmente. Dessa forma, Klaus também experimenta a dificuldade de viver como não-binário em um mundo binário. Ele/a se define como lésbica, ainda que reconheça as limitações dessa nomenclatura para pessoas não-binárias: “*eu me considero lésbica, ok?! Só para entender*”, afirmando com tom irônico, ao mesmo tempo, alfinetando a rigidez das categorias tradicionais de orientação sexual.

Existem algumas imposições de gênero que são apresentadas ainda na infância e Klaus comenta sobre como encontrou uma forma para encarar esses problemas, que foi pela resistência e pelo humor. Ele/a recorda de um episódio da infância, em que sua mãe insistia em vesti-lo/a apenas de rosa, e como atualmente lida com isso de forma mais amena: “*o problema era que eu era obrigado a só vestir rosa, e existem outras cores. Eu era uma criança, queria vestir coisas coloridas!*”, afirma sorrindo.

(c) As histórias de Caetano e Klaus à luz da teoria da subjetividade de Gonzalez Rey

Emergir como sujeito de um conflito de vida não implica necessariamente a completa superação ou ausência de sofrimento, mas uma tensão produtiva como expressão de uma nova configuração subjetiva dentro do processo de sofrimento. (Goulart, 2019, p. 97).

Partindo da frase em destaque, que tem como base a Teoria da Subjetividade de González Rey e entendendo que as entrevistas de história de vida temática permitem ao depoente “lançar o olhar em perspectiva sobre sua própria história e contá-la, a partir do emaranhado da própria experiência, no tempo presente” (Pegoraro, 2024, p. 300), cabem alguns destaques em relação às experiências de Caetano e Klaus.

O sofrimento social é um termo compreendido como experiências de dor e marginalização oriundas das interações entre indivíduos e as estruturas sociais, políticas e culturais. Esse sofrimento emerge em contextos de precariedade e fragilidade social, sugerindo a perda ou o medo da perda de objetos sociais essenciais, como saúde, trabalho, sonhos, vínculos afetivos e sociais, que impedem e dificultam viver plenamente (Werlang & Mendes, 2013).

Ainda, de acordo com essas autoras, os cenários onde a vida acontece podem se agravar pela desinstitucionalização e privatização das atividades sociais, que ampliam as fragilidades individuais e atingem os direitos fundamentais da vida humana. Esses espaços insalubres minimizam a autonomia na vida das pessoas, além de interferirem no modo como essas pessoas vivem, eliminando a visão de futuro e reforçando a autoexclusão, que, por sua vez, dissolve a confiança em si mesmo, no outro e no futuro (Werlang & Mendes, 2013).

As histórias de vida de Caetano e de Klaus ganham contornos diferentes a partir de suas narrativas, mas guardam pontos de convergência. Caetano descreve seu contexto familiar

marcado por uma série de abandonos, dores e violências, que intensificam seu sofrimento social. Quando ele resgata essas lembranças, ele demonstra tristeza a partir de expressão facial e tonalidade de voz. Ao longo de sua narrativa, é possível identificar os posicionamentos mais agressivos como forma de demarcar um limite de proteção para si e também para com os seus.

Já na história de Klaus, o sofrimento social está presente, embora seja atravessado por dinâmicas diferentes. A imposição de normas de gênero por sua família, especialmente, por sua mãe, ofereceu um ambiente frustrante. A insistência por padrões femininos, como o uso de roupas cor-de-rosa e acessórios, e a estigmatização de seu corpo gordo configuram inúmeras camadas de exclusão. Esses pontos indicam como a não conformidade com as normas de gênero e os padrões estéticos podem funcionar como agentes de sofrimento, realçando o impacto das expectativas sociais nas experiências subjetivas.

A escolarização pode ser considerada um espaço físico e subjetivo de ampliação de saberes e desenvolvimento da capacidade de interação social e da cognição. Nos dois relatos, a escola também se tornou palco de violências e exclusões. Essas experiências ilustram como o ambiente escolar pode reproduzir as desigualdades sociais e culturais que estruturam o sofrimento social, quando reconhecemos a manifestação explícita de violência do “corredor polonês” narrado por Caetano e o episódio da crítica da diretora quando Klaus estava brincando de skate – um brinquedo considerado masculino, reforçando a divisão binária de gênero e a cisheteronormatividade.

O histórico de exclusão e constrangimento vivenciado por Caetano estende-se para além do ensino fundamental e médio. Em seu relato, ele menciona o episódio do ENEM, em que foi impedido de realizar a prova devido a uma incompatibilidade ou desatualização entre o nome social e o nome de registro na Receita Federal. Ao narrar esse fato, Caetano frequentemente acompanha suas palavras com um sorriso, que, em diferentes momentos de sua fala, revela sentimentos de constrangimento, desconforto e, ao mesmo tempo, sinais de

superação.

A perpetuação das normas de gênero nos espaços educacionais também se faz presente no ensino superior. Durante a licenciatura, Caetano comentou sentir-se deslocado diante das práticas que reforçavam binarismos de gênero, como filas separadas entre homens e mulheres, a imposição de trajes específicos (terno ou vestido) para formatura, o uso de vestimentas padronizadas para atividades práticas, como as aulas de natação.

No contexto da pós-graduação, tanto Caetano quanto Klaus, comentaram não sofrer violências ou exclusões relacionados à sexualidade ou à identidade de gênero. Talvez seja porque fizeram as alterações específicas e, fisicamente, são lidos dentro do aspecto binário, minimizando, assim, a exposição direta à transfobia.

Além disso, Caetano e Klaus apresentam pontos positivos em comum relacionados à pós-graduação. Ambos ressaltam o bom convívio com colegas e a relação positiva com seus orientadores como fatores de proteção à saúde mental durante o percurso acadêmico. Essa experiência confirma os dados encontrados por Modkovski et al. (2022), que investiga a influência da relação entre orientador e orientando em programas de pós-graduação *stricto sensu*. A pesquisa apontou a autoconfiança como elemento central na produtividade e no sucesso dos orientandos como pesquisadores independentes, além de reforçar a importância de uma relação colaborativa nesse contexto.

A Teoria da Subjetividade de González Rey (1997; 2002; 2005) traz dois conceitos importantes para a discussão dos casos de Caetano e Klaus. De acordo com esse pesquisador, a subjetividade individual pode ser compreendida pela maneira como cada pessoa se organiza e dá sentido às suas experiências, incorporando, questionando ou confrontando constantemente as influências sociais ao seu redor. Já a subjetividade social refere-se à forma como grupos sociais específicos atribuem significado às vivências coletivas, interferindo nas relações entre indivíduos, grupos e instituições. Ela integra os espaços sociais de pessoas,

grupos e instituições, influenciando tudo o que acontece nesses cenários.

Essas subjetividades são construídas por discursos, ideias dominantes e mitos presentes em uma sociedade, que definem como percebemos aspectos como raça, gênero, religião, o que é considerado normal e anormal. Esses critérios variam de acordo com o momento histórico e cultural de cada sociedade (González Rey, 2015 apud Goulart, 2019).

Vale ressaltar que os processos de subjetividade individual e social ocorrem de maneira dinâmica e retroalimentar. À medida que as pessoas contribuem para a construção da subjetividade social por meio de suas ações, discursos e significações, elas também são influenciadas por essa construção social, reorganizando suas próprias experiências subjetivas. Essa inter-relação é particularmente evidente nos casos de Caetano e Klaus, cujas trajetórias exemplificam o esforço constante de afirmação e luta frente às normas sociais restritivas.

Como aponta González Rey (apud Goulart, 2019, p. 52), “o indivíduo não é reflexo de padrões sociais externos a ele, mas se constitui como momento diferenciado na experiência social”. Da mesma maneira, as experiências de Caetano e Klaus não podem ser entendidas como simples reflexos de processos sociais abstratos, mas como produções subjetivas singulares em trajetórias concretas de vida. Essa perspectiva reforça a importância de considerar a articulação entre subjetividade individual e social para a compreensão dos modos de ser e existir que transcendem os limites das normatividades impostas.

Um ponto de convergência entre Caetano e Klaus consiste nos diagnósticos de TDAH e na experiência com a medicalização, embora suas posições em relação ao uso de medicamentos apresentem diferenças significativas. Caetano enfatiza que a medicação deve ser considerada como última alternativa, realçando sua preocupação com a possibilidade de dependência e com eventuais interações medicamentosas, especialmente com o uso frequente de hormônios. Por outro lado, Klaus aborda a questão ironicamente, referindo-se à quantidade de medicamentos necessários para se manter “regulado/a” como uma “lista de beleza”, ainda

que reconheça os efeitos terapêuticos delas para sua vida.

O discurso de Klaus apresenta pontos em comuns com as reflexões de Guarido (2007), que destaca uma tendência no raciocínio psiquiátrico de transformar o sofrimento subjetivo em transtornos de origem biológica, desconsiderando aspectos sociais e culturais envolvidos. A autora também critica o uso excessivo de psicofármacos e o papel do biopoder na regulação da infância, reforçando como essas narrativas estabelecem padrões normativos de pensamento, comportamento e expressão. Além disso, argumenta como a medicalização banaliza a existência, naturaliza o sofrimento e desloca a responsabilidade para os indivíduos.

Eidt e Tuleski (2010) defendem que as funções psicológicas superiores, como atenção e autocontrole, são construídas por mediações socioculturais. Essa perspectiva é ampliada por Leite e Tuleski (2011), que enfatizam que a atenção voluntária é um processo construído ao longo do tempo e frequentemente ignorando em diagnósticos, o que favorece a medicalização como solução imediata para muitos casos.

Por outro lado, Eidt, Tuleski e Franco (2014) ressaltam a escola como um espaço fundamental para o desenvolvimento da atenção, desde que as práticas pedagógicas sejam organizadas e significativas. Contudo, no caso de Caetano, o ambiente escolar revelou-se marcado por desafios que transcendiam o pedagógico. Naquele período, ele se via dividido entre a necessidade de se proteger e de cuidar de sua irmã, que também era alvo de *bullying* por parte dos colegas, reforçando como as dinâmicas escolares podem impactar o desenvolvimento de inúmeras formas.

Durante a pandemia, Klaus relatou um sofrimento acentuado, não relacionado às normas de gênero, mas derivado de uma série de restrições sociais necessárias para sobreviver ao caos instaurado mundialmente. Nesse contexto, uma das estratégias adotadas para enfrentar essas dificuldade foi o uso de álcool, corroborando os dados apresentados por Ramos et al (2024). O estudo analisou o impacto emocional da pandemia e o aumento no consumo de

substâncias psicoativas como forma de regulação emocional.

Da mesma forma, Caetano também recorreu ao uso de álcool como estratégia de enfrentamento, especialmente, em situações relacionadas à socialização, ainda que não necessariamente na pandemia. A pesquisa de Ramos et al (2024), realizada com 2.113 participantes, indicou um aumento de 17,3% no consumo de substâncias psicoativas durante a pandemia, destacando-se o álcool (+10%), psicotrópicos (+5,6%) e outras drogas (+1,7%). Esse aumento foi mais expressivo entre mulheres, que relataram maiores níveis de ansiedade, depressão e insônia, além de menor percepção de autocontrole.

Os dados apontam que as emoções negativas intensificadas durante a pandemia estimularam muitas pessoas ao uso de substâncias psicoativas como solução de alívio imediato, embora essa estratégia apresente consequências prejudiciais a longo prazo.

Considerações Finais

Este estudo explorou as trajetórias de vida e acadêmicas dos jovens Caetano e Klaus, evidenciando como as interações sociais e culturais influenciaram suas experiências de sofrimento social. Os dois relatos revelam o impacto das normas de gênero e da discriminação na construção das identidades e na experiência acadêmica, destacando a interseção entre gênero, sexualidade e educação.

Devido às experiências de Caetano, que teve um histórico familiar marcado por violência e exclusão, e Klaus, que enfrentou os padrões de feminilidade impostos pela família, este estudo realça como a escola, sendo um espaço reservado para o desenvolvimento de muitas habilidades sociais e cognitivas, também pode ser um cenário de sofrimento e marginalização. As dinâmicas da exclusão social, especialmente, aquelas referentes à gênero e sexualidade, revelou como esses aspectos interferem nas relações interpessoais e também no rendimento acadêmico dos participantes.

Os relatos de Caetano e Klaus reforçam a importância de um ambiente acadêmico acolhedor, com destaque especial para o papel positivo das redes de suporte, como a relação com orientadores e colegas, na promoção de saúde mental e inclusão no ensino superior e na pós-graduação. Esses dados dialogam com os achados da literatura existente, como o estudo de Modkovski et al. (2022), que indicam o impacto positivo das relações de apoio na trajetória acadêmica de indivíduos em contextos de vulnerabilidade.

Inspirada na metodologia construtivo-interpretativa de González Rey, os achados deste estudo favoreceram a compreensão minuciosa das experiências de sofrimento social, analisando as dimensões subjetivas de cada relato livre a partir das entrevistas de História de Vida Oral Temática. Além disso, evidenciou a complexidade das experiências de pessoas trans, ressaltando a importância de um olhar crítico e atento às dinâmicas sociais e culturais que atravessam as trajetórias de vida e inserções acadêmicas.

A partir dessas reflexões, sugere-se que futuras pesquisas se debrucem sobre a formação continuada de professores e psicólogos, com ênfase em práticas inclusivas e sensíveis às questões de gênero e sexualidade. Essas práticas podem transformar os espaços educacionais em ambientes mais acolhedores e menos propensos às violências e marginalização de grupos que destoam da cisheteronormatividade.

Referências

- Associação Nacional de Travestis e Transexuais [ANTRA]. (2022). *Dossiê dos assassinatos e violência contra pessoas trans em 2022*. <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>
- Benevides, B., & Nogueira, S. N. B. (2020). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019*. Expressão Popular, ANTRA, IBTE.
- Recuperado de <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos->

assassinatos-e-da-violencia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf

- Eidt, N. M.; Tuleski, S.C., & Franco, A.F.(2014). Atenção não nasce pronta: O desenvolvimento da atenção voluntária como alternativa à medicalização. Presidente Prudente- SP: *Nuances: estudos sobre Educação*, 25(1), 78-96.
<https://doi.org/10.14572/nuances.v25i1.2759>
- Eidt, N.M., & Tuleski, S.C. (2010). Transtorno De Déficit De Atenção/ Hiperatividade E Psicologia Histórico-Cultural. *Cadernos de Pesquisa*, 40(139), 121-146.
<http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a07.pdf>
- Gonzalez Rey, F. (1997). *Epistemologia qualitativa e subjetividade*. Educ.
- González Rey, F. (2002). Sujeto y subjetividad: Una aproximación histórico-cultural. Thomson.
- González Rey, F. L. (2005). Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação. Thomson.
- González Rey, F. L. (2011). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios*. Cengage Learning.
- González Rey, F. L., & Mitjáns Martínez, A. (2017). Epistemologia qualitativa: seus caminhos, avanços e desafios nos últimos vinte anos. In F. L. González Rey & A. Mitjáns Martínez (Orgs.), *Subjetividade: teoria, epistemologia e método* (pp. 7-36). Alínea.
- Goulart, D. M. (2019). *Saúde mental, desenvolvimento e subjetividade*. Da patologização à ética do sujeito. Cortez.
- Guarido, R. (2007). A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação. *Educação e Pesquisa*, 33(1), 151–161.
<http://www.scielo.br/pdf/ep/v33n1/a10v33n1.pdf>
<https://doi.org/10.1590/interface.210017>
- Leite, H.A., & Tuleski, S.C. (2011). Psicologia Histórico-Cultural e desenvolvimento da

- atenção voluntária: novo entendimento para o TDAH. *Psicologia Escolar e Educacional*, 15(1), 11-119. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100012
- Meihsy, J. C. S. B., & Barbosa, F. H. (2007). *História oral: como fazer, como pensar*. Editora Contexto.
- Mitjáns Martínez, A. (2019) Epistemologia Qualitativa: dificuldades, equívocos e contribuições para outras formas de pesquisa qualitativa. In: Mitjáns Martínez, A., González Rey, F., & Valdéz Puentes, R. (Orgs.). (2019). *Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: Discussões sobre educação e saúde*. EDUFU. <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/30262/1/EpistemologiaQualitativaTeoria.pdf>
- Modkovski, A. F., Rodrigues, F. M., Moreira, A. M., Silva, R. A., Taha, M. O., Rodrigues, F. S. M., Monken, S. F., Barbosa, A. P. & Ferraz, R. R. N. (2022). Autoeficácia e relacionamento entre orientadores e orientandos em programas de pós-graduação stricto sensu. *Revista Humanidades e Inovação*, 9(14), 240–257. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2697>
- Mota, M., Santana, A. D. da S., Silva, L. R., & Melo, L. P. de. (2022). “Clara, esta sou eu!” Nome, acesso à saúde e sofrimento social entre pessoas transgênero. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 26, e210017.
- Pegoraro, R. F. (2024). História de vida em pesquisas na interface Psicologia e Saúde. In: Pereira, E. R., Rases, E. R. & Pegoraro, R. F. *Pesquisa qualitativa em psicologia social e saúde* (pp. 288-302). Editora UFSC.
- Ramos, E. A., et al. (2021). Qualidade de vida de universitários LGBT. In: Enfermagem Contemporânea: Construindo Novos Saberes (pp. 238–256). Pimenta Cultural. <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2021.179.238-256>

- Robles-Silva, L. (2021). Escrever qualitativamente: desafios da racionalidade estético-expressiva. In: Bosi, M. L. M. & Gastaldo, D. (Org). *Tópicos avançados em pesquisa qualitativa em saúde*. Fundamentos teórico-metodológicos (pp. 237-261). Vozes.
- Silva, G. R. de A. da ., Barcelos, T. F. ., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2022). Lutando para Existir: Experiência Vivida e Sofrimento Social de Pessoas Transgêneras. *Revista Subjetividades*, 22(2), e12240. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i2.e12240>.
- Werlang, R., & Mendes, J. M. R. (2013). Sofrimento social. *Serviço Social & Sociedade*, 116, 743–768. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282013000400009>

Considerações Finais

Concluir esta dissertação simboliza não apenas o encerramento de uma etapa acadêmica, mas também um marco significativo na minha trajetória pessoal e profissional. À medida que esse trabalho se desenvolvia, tive a oportunidade de explorar e investigar temas, como as dinâmicas subjetivas relacionadas à sexualidade e ao sofrimento social de pessoas trans, que me atravessam enquanto psicólogo, pesquisador, docente e ser humano. Este caminho se revelou, concomitantemente, um desafio intelectual e um convite à reflexão e à sensibilidade, marcado pelo paradoxo de uma “faca de dois gumes”: por mais difícil que tenha sido, revelou também minha capacidade de superar os obstáculos.

Esta pesquisa, em particular, foi um convite profundo à autocrítica e ao amadurecimento. Durante seu desenrolar, enfrentei desafios que transcenderam o campo acadêmico, desde as dificuldades para acessar participantes até as barreiras impostas pelos preconceitos sociais que ainda atravessam nossas relações e instituições. Esses desafios, por mais complexos que fossem, impulsionaram-me a repensar minhas próprias posições e a buscar formas de tornar a ciência um espaço mais democrático.

Em paralelo, vivi perdas e fragilidades pessoais que impactaram diretamente minha capacidade de cumprir prazos e lidar com as demandas. Reflito, nesse contexto, sobre como as exigências acadêmicas muitas vezes ignoram a necessidade de processar o luto, por exemplo, e como a busca incessante pela produtividade, embora um indicador importante de qualidade e investimento público, pode se tornar uma fonte de adoecimento.

A organização da dissertação em dois artigos permitiu uma perspectiva diversificada do tema. O primeiro artigo, uma revisão narrativa da literatura, estabeleceu a compreensão da Teoria da Subjetividade de González Rey e suas aplicações nos estudos de gênero e sexualidade. Ele evidenciou como as normas sociais, políticas de saúde, práticas educacionais e contextos familiares impactam significativamente na configuração de sentidos e também nas

subjetividades de pessoas LGBTQIA+, gerando sofrimento social, assim como novos sentidos subjetivos. As produções analisadas destacaram ainda o papel fundamental das redes de apoio e das intervenções psicoterapêuticas, que reforça a TS como uma ferramenta elegível para compreender e intervir em complexidades.

Já o segundo artigo, fruto da pesquisa de campo, foi uma experiência potencialmente desafiadora. Por meio das entrevistas de História de Vida com Caetano e Klaus, aprofundei suas trajetórias de vida e acadêmicas. Os relatos expuseram as barreiras estruturais e simbólicas que perpassam suas vivências – discriminação, exclusão, violências e o constante desafio de serem reconhecidos como são. Essas narrativas pesaram o estômago e atravessaram minha escrita, tornando impossível permanecer lúcido sem ser tocado pelas questões abordadas. Além disso, esses relatos também trouxeram à tona formas como Caetano e Klaus conseguiram existir, ainda que socialmente considerados incompatíveis por causa da escala binária estruturante da sociedade.

A convergência entre os dois artigos permitiu articular os aspectos teóricos e empíricos da dissertação, ampliando a visão sobre as dinâmicas de gênero, sexualidade e sofrimento social. Enquanto o primeiro artigo oferece uma base teórica, o segundo articula essas discussões com experiências concretas, evidenciando como os conceitos da Teoria da Subjetividade podem dialogar com as vivências reais de sujeitos em contextos de exclusão. Juntos, os artigos reforçam a necessidade de práticas inclusivas e de políticas que promovam ambientes educacionais e sociais mais acolhedores e equitativos.

Este trabalho também me aproximou a pessoas cujas histórias deixaram marcas significativas. Ao compartilharem suas experiências, Caetano e Klaus, não apenas enriqueceram minha pesquisa, como também me ensinaram sobre coragem e a configuração de sentidos subjetivos que sustentam suas existências. Espero que este estudo amplie o debate acadêmico e sirva como um pequeno passo rumo ao futuro em que todas as pessoas possam

viver plenamente os direitos constitucionais fundamentais garantidos, não só teoricamente, como na prática.

Finalizo reconhecendo que esta construção teórica é apenas um ponto de partida. As questões trabalhadas nesta dissertação são urgentes e complexas, o que demanda envolvimento contínuo dos pesquisadores, profissionais e também a sociedade civil, de forma que inspire outros estudos e práticas comprometidos com a inclusão, a justiça e a promoção dos direitos humanos, especialmente aqueles que vivem à margem da sociedade.

Referências

- Alves, A. L. (2022). *Potencialidades dos processos psicoterapêuticos na desconstrução da bifobia, da lesbofobia e do sexismo* [Monografia, Centro Universitário de Brasília - CEUB]. Repositório Institucional da CEUB.
<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/16111>
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais [ANTRA]. (2022). Dossiê dos assassinatos e violência contra pessoas trans em 2022. <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>
- Battaglia, F. P., et al. (2021). Pessoas não binárias. In. Ciasca, S. V., Hercowitz, A. & Lopes Júnior, A. (Eds.), *Saúde LGBTQIA+ práticas de cuidado transdisciplinar* (Cap. 30, pp. 249-256). Editora Manole.
- Benevides, B., & Nogueira, S. N. B. (2020). Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019. Expressão Popular, ANTRA, IBTE.
Recuperado de <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa- dos- assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>
- Bento, B. (2017). *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos* (1ªed). EDUFBA.
<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26037>
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Routledge.
- Carvalho, A. B. R. (2022). *As desigualdades nas relações de gênero e o sofrimentopsíquico* [Monografia, Centro Universitário de Brasília - CEUB]. Repositório institucional da UniCEUB. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/16330>
- Carvalho, K. J. de M. (2016). *Os sentidos subjetivos da homossexualidade em um contexto evangélico* [Monografia, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB].Repositório Institucional da UniCEUB. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/10342>
- Casarin, S. T., Porto, A. R., Gabatz, R. I. B., Bonow, C. A., Ribeiro, J. P., & Mota, M. S.

- (2020). Tipos de revisão de literatura: Considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*, 10(5), 1–15.
<https://doi.org/10.15210/jonah.v10i5.19924>
- Ciasca, S., et al. (2021). Definições da sexualidade humana. In. Ciasca, S. V., Hercowitz, A. & Lopes Júnior, A. (Eds.), *Saúde LGBTQIA+ práticas de cuidado transdisciplinar* (Cap. 2, pp. 12-18). Editora Manole.
- Coelho, N. B. (2013). *A subjetividade gay no contexto da profilaxia pós-exposição* (PEP-Sexual) [Monografia, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB]. Repositório Institucional do UniCEUB.
https://core.ac.uk/display/187130134?utm_source=pdf&utm_medium=banner&utm_campaign=pdf-decoration-v1
- Cordeiro, A. M., Oliveira, G. M., Rentería, J. M., Guimarães, C. A., & Grupo de Estudo de Revisão Sistemática do Rio de Janeiro (GERS-Rio). (2007). Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, 34(6), 428–431.
<https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>
- Eidt, N. M.; Tuleski, S.C., & Franco, A.F.(2014). Atenção não nasce pronta: O desenvolvimento da atenção voluntária como alternativa à medicalização. *Presidente Prudente- SP: Nuances: estudos sobre Educação*, 25(1), 78-96.
<https://doi.org/10.14572/nuances.v25i1.2759>
- Eidt, N.M., & Tuleski, S.C. (2010). Transtorno De Déficit De Atenção/ Hiperatividade E Psicologia Histórico-Cultural. *Cadernos de Pesquisa*, 40(139), 121-146.
<http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a07.pdf>
- Foucault, M. (1978). *The history of sexuality: An introduction* (Vol. 1). Pantheon Books.
- Gonzalez Rey, F. (1997). *Epistemologia qualitativa e subjetividade*. Educ.
- González Rey, F. (2002). *Sujeto y subjetividad: Una aproximación histórico-cultural*.

Thomson.

González Rey, F. L. (2005). Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação. Thomson.

González Rey, F. L. (2011). Pesquisa qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios. Cengage Learning.

González Rey, F. L., & Mitjáns Martínez, A. (2017). Epistemologia qualitativa: seus caminhos, avanços e desafios nos últimos vinte anos. In F. L. González Rey & A. Mitjáns Martínez (Orgs.), *Subjetividade: teoria, epistemologia e método* (pp. 7-36). Alínea.

Goulart, D. M. (2019). Saúde mental, desenvolvimento e subjetividade. Da patologização à ética do sujeito. Cortez.

Goulart, D. M., Patiño Torres, J. F., Mitjáns Martínez, A., & Esteban-Guitart, M. (2020). Vida e legado de Fernando González Rey: Introdução à revista em sua homenagem.

Alternativas Cubanas em Psicología, 8(23), 7-13.

<https://www.researchgate.net/publication/358353173>

Guarido, R. (2007). A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação. *Educação e Pesquisa*, 33(1), 151–161.

<http://www.scielo.br/pdf/ep/v33n1/a10v33n1.pdf>

Hercowitz, A., et al. (2021). Desenvolvimento da identidade de gênero. In. Ciasca, S.V.,

Hercowitz, A. & Lopes Júnior, A. (Eds.), *Saúde LGBTQIA+ práticas de cuidado transdisciplinar* (Cap. 5, pp. 38-43). Editora Manole.

Leite, H.A., & Tuleski, S.C. (2011). Psicologia Histórico-Cultural e desenvolvimento da atenção voluntária: novo entendimento para o TDAH. *Psicologia Escolar e Educacional*, 15(1), 11-119. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100012

Lenning, E., & Buist, C. L. (2013). Social, psychological and economic challenges faced by

- transgender individuals and their significant others: gaining insight through personal narratives. *Culture, health & sexuality*, 15(1), 44–57.
doi.org/10.1080/13691058.2012.738431
- Lima, F., & Cruz, K. T. da. (2016). Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (23), 162-186.
https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.23.07.a
- Lima, T. (2020). Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 1(77), 70–87.
https://doi.org/10.11606/issn.2316-901x.v1i77p70-87
- Matthke, L. (2020). *Transfobia, saúde mental e a subjetividade: Um estudo de caso* [Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB]. Programa de Iniciação Científica – PIC/UniCEUB.
https://doi.org/10.5102/pic.n0.2019.7518
- Meihy, J. C. S. B., & Barbosa, F. H. (2007). *História oral: como fazer, como pensar*. Editora Contexto.
- Meireles, V. H. B., & Ferrarini, N. da L. (2023). Saídas do armário diferentes em tempos diferentes: A heteronormatividade e suas implicações subjetivas em universitários cis-gays. *Brazilian Journal of Development*, 9(1), 3636-3657.
https://doi.org/10.34117/bjdv9n1-251
- Mendes, R. P., & Mori, V. D. (2023). A família nos processos subjetivos de pessoas LGBTQIA+. *Revista Brasileira de Psicologia*, 22(1), 304-320.
https://rbdcivil.emnuvens.com.br/rbdc/article/view/269.
- Menezes, J. B. de., & Lins, A. P. C. (2018). Identidade de gênero e transexualidade no direito brasileiro. *Revista Brasileira de Direito Civil*, 17, 17. https://doi.org/10.5935/2177-6644.20230016

Minayo, M. C. de S. (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*.

Hucitec.

Ministério da Educação. (2024). CAPES. Institucional. *Plano Nacional de Pós- Graduação*

– *PNPG 2021-2030*. <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a->

[informacao/institucional/plano-nacional-de-pos-graduacao-pnpg/plano-nacional-de-pos-graduacao-pnpg-2021-2030](https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/plano-nacional-de-pos-graduacao-pnpg/plano-nacional-de-pos-graduacao-pnpg-2021-2030)

Ministério da Educação. (2024). *Portal - Qual a diferença entre pós-graduação lato sensu e*

stricto sensu?. <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13072:qual-a->

[diferenca- entre-pos-graduacao-lato-sensu-e-stricto-sensu](http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13072:qual-a-diferenca-entre-pos-graduacao-lato-sensu-e-stricto-sensu)

Miranda, P. R. M., & Alves, J. M. (2019). Educação sexual na escola: A construção do

processo dialógico e a produção de sentidos subjetivos sobre sexualidade. In: II

Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade, Brasília, DF.

<https://proceedings.science/p/110458>

Mitjáns Martínez, A. (2019) Epistemologia Qualitativa: dificuldades, equívocos e

contribuições para outras formas de pesquisa qualitativa. In: Mitjáns Martínez, A.,

González Rey, F., & Valdéz Puentes, R. (Orgs.). (2019). Epistemologia qualitativa e

teoria da subjetividade: Discussões sobre educação e saúde. EDUFU.

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/30262/1/EpistemologiaQualitativaTeoria.pdf>

Modkovski, A. F., Rodrigues, F. M., Moreira, A. M., Silva, R. A., Taha, M. O., Rodrigues,

F. S. M., Monken, S. F., Barbosa, A. P. & Ferraz, R. R. N. (2022). Autoeficácia e

relacionamento entre orientadores e orientandos em programas de pós-graduação stricto sensu. *Revista Humanidades e Inovação*, 9(14), 240–257.

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2697>

Moncayo Quevedo, J. E. (2017). *Educación, diversidad sexual y subjetividad: Una*

- aproximación cultural-histórica a la educación sexual escolar en Cali-Colombia [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.
<http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/23565>
- Mota, M., Santana, A. D. da S., Silva, L. R., & Melo, L. P. de. (2022). “Clara, esta sou eu!” Nome, acesso à saúde e sofrimento social entre pessoas transgênero. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 26, e210017. <https://doi.org/10.1590/interface.210017>
- Oliveria, C. I. de., et al. (2021). Identidades sexuais e de gênero e suas relações com a cultura. In: Ciasca, S. V., Hercowitz, A. & Lopes Júnior, A. (Eds.), *Saúde LGBTQIA+ práticas de cuidado transdisciplinar* (Cap. 7, pp. 51-58). Editora Manole.
- Pegoraro, R. F. (2024). História de vida em pesquisas na interface Psicologia e Saúde. In: Pereira, E. R., Rasera, E. R. & Pegoraro, R. F. *Pesquisa qualitativa em psicologia social e saúde* (pp. 288-302). Editora UFSC.
- Ramos, E. A., et al. (2021). Qualidade de vida de universitários LGBT. In: *Enfermagem Contemporânea: Construindo Novos Saberes* (pp. 238–256). Pimenta Cultural.
<https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2021.179.238-256>
- Reis, T. S. D dos., et al. (2021). Sofrimento psíquico e uso de psicofármacos entreestudantes de Pós-Graduação. *Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, 13(2), 45–56. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Robles-Silva, L. (2021). Escrever qualitativamente: desafios da racionalidade estético-expressiva. In: Bosi, M. L. M. & Gastaldo, D. (Org). *Tópicos avançados em pesquisa qualitativa em saúde. Fundamentos teórico-metodológicos* (pp. 237-261). Vozes.
- Scote, F. D. (2017). *Será que temos mesmo direitos à universidade? O desafio do acesso e a permanência de pessoas transexuais no ensino superior*. [Dissertação deMestrado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório institucional da Universidade Federal

- de São Carlos (UFSCar). <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9202>
- Scote, F. D., & Garcia, M. R. V. (2020). Trans-formando a universidade: um estudo sobre o acesso e a permanência de pessoas trans no ensino superior. *Perspectiva*, 38(2), 1–25. <https://doi.org/10.5007/2175-795x.2020.e65334>
- Severiano, H. C. (2007). *As configurações do gênero na subjetividade: um olhar sócio-histórico sobre os papéis sexuais* [Monografia, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB]. Repositório Institucional da UniCEUB. <https://core.ac.uk/download/pdf/187130134.pdf>
- Silva, G. R. de A. da ., Barcelos, T. F. ., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2022). Lutando para Existir: Experiência Vivida e Sofrimento Social de Pessoas Transgêneras. *Revista Subjetividades*, 22(2), e12240. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i2.e12240>
- Silva, K., & Vaz, A. F. (2019). Pessoas trans no ensino superior: lutas por acesso e permanência, a exemplo da Universidade Federal de Santa Catarina (2012-2015). *Crítica Cultural*, 14(2), 209–221.
- Silva, S. M. C. da, Silva, L. B., Pegoraro, R. F., Miranda, G. J., Ferreira, N. T. & Silva, Y. B. (2024). Sofrimento de estudantes na pós-graduação stricto sensu – contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão do fenômeno. In: Facci, M. et al. *Pesquisas e práticas sobre o sofrimento na psicologia histórico-cultural*.
- Soares, C. R. C., & Patiño Torres, J. F. (2022). Poliamor: Afinal o que a comunicação tem a ver com isso?. *Revista Fermentario*, 16(1), 7-22. <https://doi.org/10.47965/fermen.16.1.2>
- Souza, E. C., & Torres, J. F. P. (2019). A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, 3(1), 34-57. <https://doi.org/10.14393/OBv3n1.a2019-50574>
- Spizzirri, G. (2017). Disforia de gênero em indivíduos transexuais adultos: aspectos clínicos e epidemiológicos. *Diagnóstico e Tratamento*, 22(1), 45-48.

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-832448>

Sturza, J. M., & Schorr, J. S. (2015). Transexualidade e os Direitos Humanos: Tutela Jurídica ao Direito à Identidade. *Revista Jurídica Cesumar*, 15(1), 265-283.

<https://doi.org/10.17765/2176-9184.2015v15n1p265-283>

Werlang, R., & Mendes, J. M. R. (2013). Sofrimento social. *Serviço Social & Sociedade*, 116, 743–768. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282013000400009>

Zotesso, M. C. (2021). *Sofrimento psicológico em pós-graduandos: aspectos emocionais e comportamentais* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional UNESP. <http://hdl.handle.net/11449/204451>

**Apêndice A – Quadro auxiliar com a lista dos autores que mais foram
citados nos artigos recuperados para análise**

Adrienne Rich: citado 2x

Amanda Leite Alves: citado 2x

Ana Flávia do Amaral Madureira: citado 3x

Berenice Bento: citado 4x

Daniel Borrillo: citado 4x

Didier Eribon: citado 2x

Eve Kosofsky Sedgwick: citado 4x

Felipe de Baére e Valeska Zanello: citado 2x

Graça Aparecida Cicillini: citado 2x

Guacira Lopes Louro: citado 3x

Jaqueline Gomes de Jesus: citado 2x

Jordana Viana Carvalho Fonseca: citado 3x

Jorge Eduardo Moncayo Queved: citado 2x

Judith Butler: citado 6x

Livia Gonsalves Toledo: citado 2x

Marina Castaneda: citado 2x

Michel Foucault: citado 6x

Neil Franco: citado 2x

Paulo B. Preciado: citado 3x

Rogério Diniz Junqueira: citado 3x

Tânia Mara Campos de Almeida: citado 2x

Valeska Zanello: citado 3x

Apêndice B – Quadro auxiliar com os principais achados das produções recuperadas

Autores/Ano	Principais resultados
Severiano (2007)	A TS de González Rey foi utilizada para entender como as identidades de gênero são configuradas. Os resultados destacam a desconstrução da visão naturalista tradicional sustentadas pelas teorias de Judith Butler e Michel Foucault, que contribuem ao perceber o gênero sendo construído socialmente. Além disso, o estudo indica o impacto das instituições (mídia, religião, saúde pública, Estado e educação) na formação e manutenção dos papéis de gênero, interferindo na subjetividade dos indivíduos. Em relação à linguagem, é considerada um fator que reforça normas de gênero, perpetuando a dominação masculina e colocando as identidades não-binárias à margem. Questiona-se a perspectiva androcêntrica na produção de ciência e enfatiza a importância de abordagens qualitativas que colaboram para complexidade das experiências de gênero. A contribuição da construção sócio-histórica das identidades de gênero é considerada dinâmica e dialógica, indicando as alterações no que se refere às negociações e reconfigurações. Este estudo estimula a reflexão crítica contínua sobre as configurações de gênero, abrindo-se a visão para maior igualdade e inclusão.
Coelho (2013)	O uso da PEP por casais homoafetivos sorodiscordantes revelou-se importante na construção da subjetividade dos homens gays, ofertando prevenção ao HIV e influenciando suas percepções e relações. A utilização da PEP colabora para práticas sexuais seguras e reduz vulnerabilidade ao HIV, além de moldar a subjetividade ao proporcionar segurança e apoio institucional. A subjetividade gay contemporânea é construída em um contexto de medo, estímulo e excitação, com interferências da homofobia, epistemologia do armário e relações de poder. Este recorte impõe desafios e oportunidades de ressignificação das identidades. A construção desta subjetividade centra-se na homofobia internalizada e os processos de resistências, que exigem frequentes adaptações às novas realidades. Ressalta-se a complexidade dos processos de subjetivação dos homens gays, destacando a necessidade de inclusão considerando os fatores culturais, históricos e sociais. Em suma, a PEP desempenha um papel multifacetado na vida dos homens gays, sendo um instrumento chave na construção de suas subjetividades e na promoção de sua saúde e bem-estar.
Carvalho (2016)	Este estudo explora a complexidade da experiência de indivíduos homossexuais em ambientes religiosos evangélicos, mais especificamente na trajetória de um jovem (Bruno). Desde pequeno, Bruno enfrentou pressões para alinhar sua sexualidade às normas religiosas, o que gerou conflitos internos por meio da expressão de sentimento de culpa e vergonha. Com o tempo e o amadurecimento, ele questionou a visão religiosa sobre a homossexualidade, contribuindo para a ambivalência constante entre aceitar-se e a fé. A moral cristã impactou consideravelmente suas crenças e comportamentos, visto que moldou sua autoimagem e influenciou às tentativas de reconciliação entre a fé e a sexualidade. Ele busca viver autenticamente sem violar suas crenças religiosas, mas ainda há desejo de validação divina. Em relação à experiência familiar e com a igreja, são marcadas por negociações constantes de identidade, à medida que há dificuldade de viver sua homossexualidade nestes espaços. Apesar de se

	identificar como cristão evangélico, ele não frequenta atualmente nenhuma igreja. Os resultados evidenciam as tensões e processos de ressignificação subjetiva, destacando a necessidade de um olhar inclusivo nas comunidades religiosas.
Moncayo Quevendo (2017)	Revela tensões consideráveis entre as intenções racionais das instituições de ensino e as práticas docentes, no que se refere à diversidade sexual. As metas educacionais frequentemente não são compatíveis à realidade prática. A maneira racional, consciente e informativa que a educação é tratada exclui a singularidade dos indivíduos, negligenciando as experiências subjetivas essenciais para uma compreensão completa da sexualidade. Destaca-se que a não consideração da subjetividade como um sistema processual complexo limita a eficácia da educação sexual nas escolas, sendo essencial incorporar essa complexidade para um ensino efetivo sobre sexualidade.
Miranda e Alves (2019)	Revelou-se que Joaquim, Marília e Sofia relacionam a sexualidade principalmente à orientação sexual, genitalidade e relações sexuais, o que reflete suas experiências de vida. A prática dialógica- problematizadora e os vários recursos didáticos permitiram uma ampliação sobre a complexidade da sexualidade a partir de uma reflexão aprofundada. Para Joaquim, ele considera a sexualidade como atração e deseja. Enquanto que Sofia relaciona a sexualidade com atração e identidade de gênero e Marília, por sua vez, diferencia sexo de sexualidade, incluindo prazer e afeto. As atividades pedagógicas contribuíram aos participantes aumento na compreensão sobre as diferenças entre identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero, valorizando o processo dialógico na educação sexual. Houve uma mobilização significativa de sentidos subjetivos, apesar das dificuldades iniciais. A participação ativa demonstrou a eficácia dos recursos didáticos na expressão e reconhecimento das concepções sobre sexualidade. Os resultados destacam a importância do ambiente escolar como espaço de diálogo crítico e emancipatório, alinhado à TS de González Rey, para uma compreensão mais inclusiva e profunda da sexualidade.
Matthke (2020)	Os conflitos familiares, abandono de lar, relacionamentos conturbados e a violência estão entre as principais experiências transfóbicas responsáveis pelo desenvolvimento da configuração subjetiva de transtorno mental do caso de Jade. Devido a estes processos, Jade, que não conseguiu criar recursos subjetivos alternativos, consolidaram seu sofrimento. Em resposta, Jade gerou sentidos subjetivos de subversão e crítica, participando de movimentos sociais e adotando uma postura ativa no serviço de saúde mental. As relações, dentro e fora do CAPS, foram significativas para a reconfiguração da sua subjetividade, visto que podem ser consideradas suporte emocional e social. Os resultados indicam a importância das interações interpessoais e contextos sociais no enfrentamento da transfobia e na reconfiguração subjetiva, sugerindo a necessidade de práticas que promovam o bem-estar de pessoas trans nos serviços de saúde mental.
Alves (2022)	Aponta a eficácia da psicoterapia no fortalecimento psíquico contra preconceitos. A psicoterapia se mostrou um espaço de escuta ética, sendo importante para a reflexão sobre a identidade sexual de indivíduos LGBTQ+. A análise das percepções de mulheres lésbicas e bissexuais, bem como de psicólogas/os clínicas/os, destacou que a lesbofobia, a bifobia e o sexismo são fontes significativas de sofrimento psíquico. Três categorias analíticas emergiram das entrevistas: (a) A lesbofobia, a bifobia e o sexismo

	na sociedade brasileira; (b) Vivências do preconceito: o sofrimento psíquico em discussão; e (c) Os processos psicoterapêuticos na desconstrução de preconceitos e no fortalecimento psíquico. Destaca-se que a psicoterapia oferece suporte relevante no enfrentamento de preconceito, mas a formação em psicologia necessita ser repensada de forma mais inclusiva no que se refere à capacitação de profissionais para apoiar efetivamente a saúde mental de pessoas LGBTQ+. De forma geral, a psicoterapia desempenha um papel importante na desconstrução de preconceitos e no empoderamento psíquico, proporcionando um espaço seguro para a exploração e afirmação de identidades. A pesquisa se articula com a Teoria da Subjetividade de González Rey ao explorar a psicoterapia como um espaço para a construção de significados e a desconstrução de preconceitos. O estudo enfatiza que a psicoterapia deve ajudar os indivíduos LGBTQ+ a construir uma existência autêntica, em vez de conformá-los a padrões heteronormativos, refletindo a ideia central da Teoria da Subjetividade de que a subjetividade se constrói nas interações sociais e processos psicológicos. Além disso, a pesquisa utiliza uma metodologia qualitativa baseada na Epistemologia Qualitativa de González Rey, que valoriza o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento e a interação entre pesquisador e participante como elementos essenciais para a produção de conhecimento. A ênfase no vínculo e no acolhimento nas práticas psicoterapêuticas, destacada no estudo, dialoga diretamente com a perspectiva da Teoria da Subjetividade, que vê o sujeito como ativo na criação de sua realidade subjetiva. Assim, a pesquisa propõe que a psicoterapia seja um espaço de fortalecimento subjetivo e ressignificação, alinhando-se à concepção de subjetividade como uma construção dinâmica e contínua.
Carvalho (2022)	Revelou-se que gênero é percebido como uma construção social e cultural, mas com dificuldade em definir feminilidade e masculinidade, combinando aspectos biológicos e culturais. Os papéis de gênero atribuídos socialmente estimulam sofrimento psíquico, uma vez que as mulheres enfrentem a sobrecarga devido às expectativas de serem cuidadoras, profissionais e dóceis, enquanto que os homens lidam com as pressões de virilidade, produtividade e provisão financeira. Um fator para estresse é a tripla jornada de trabalho das mulheres. Além disso, a discriminação contra aqueles que não se conformam aos estereótipos de gênero agrava o sofrimento psíquico. Esta pesquisa defende a inclusão obrigatória de disciplinas sobre gênero nos cursos de psicologia e a atuação desse profissional na desconstrução de preconceito. A formação atual apresenta lacunas em relação às questões de gênero, com estereótipos sendo reproduzidos, reforçando desigualdades. Uma abordagem interseccional é necessária, considerando gênero, raça e classe. A promoção da equidade de gênero e empoderamento feminino depende da educação contínua dos profissionais de saúde mental e da inclusão dessas temáticas nos currículos acadêmicos. O texto investiga como a TS de González Rey pode ser aplicada para entender e intervir nas desigualdades de gênero e o sofrimento psíquico resultante. A pesquisa qualitativa, alinhada com essa teoria, critica o positivismo e enfatiza a compreensão da realidade em sua complexidade cultural e dinâmica. Os resultados mostram que os estereótipos de gênero influenciam diretamente o sofrimento psíquico, especialmente entre mulheres, e que a psicologia clínica, ao adotar a Teoria da Subjetividade, pode ajudar a desconstruir esses

	estereótipos, promovendo novas formas de subjetivação que rompem com normas opressivas. A teoria é usada para conectar as experiências individuais de sofrimento aos processos sociais e culturais mais amplos, sugerindo que a intervenção clínica deve focar na transformação dessas relações de poder que perpetuam a desigualdade de gênero.
Soares e Patiño Torres (2022)	A centralidade da comunicação nos relacionamentos poliamorosos, especialmente em tríades ou trisal, é um aspecto essencial destacado neste estudo. Ele adota uma abordagem construtiva-interpretativa, quebrando dicotomias tradicionais e oferecendo uma visão integrada dos processos subjetivos. A ideia de estranheza como potência comunicativa é proposta, facilitando a negociação e a compreensão mútua através do reconhecimento das próprias emoções e da sensibilidade às necessidades do outro. Inspirado no Manifesto Contrassexual de Paul Preciado, o conceito de contrato contrassexual promove a equivalência de todos os corpos-sujeitos falantes, propondo uma alternativa à normatividade sexual. Conflitos são vistos como oportunidades de desenvolvimento e autorregulação da comunicação, que é entendida como dinâmica e contraditória, integrando aspectos simbólicos, emocionais, sociais e históricos-culturais. Este estudo reforça a importância da comunicação nos relacionamentos poliamorosos e oferece uma nova perspectiva baseada na TS de González Rey, contribuindo para uma compreensão mais rica e inclusiva dos vínculos afetivo-sexuais contemporâneos. O estudo oferece uma nova perspectiva baseada na Teoria da Subjetividade de González Rey, que enriquece a compreensão dos processos comunicativos em relacionamentos poliamorosos. A comunicação é entendida como um processo dialógico, subjetivo e não linear, essencial para a negociação e manutenção dessas relações. Essa abordagem rompe com dicotomias tradicionais, como sociedade/indivíduo e simbólico/emocional, valorizando a singularidade e as emoções como elementos centrais na configuração dos vínculos afetivo-sexuais contemporâneos, particularmente em tríades ou trisal. Além disso, o estudo incorpora a noção de "sujeito falante" de Paul Preciado, que enfatiza a equivalência entre todos os corpos-sujeitos falantes e a necessidade de comunicação contínua e consensual, especialmente no contexto de contratos contrassexuais. Essa perspectiva amplia o entendimento das dinâmicas comunicativas em relações poliamorosas, oferecendo uma visão mais inclusiva e complexa sobre como as emoções, os afetos e os processos subjetivos interagem e moldam esses relacionamentos.
Meireles e Ferrarini (2023)	Investigou como a heteronormatividade influencia a produção de sentidos e configurações subjetivas em universitários cis-gays, utilizando a Teoria da Subjetividade de González Rey. As hipóteses centrais foram: H1 - "O armário não está em nenhum lugar: O não lugar do homossexual" e H2 - "Silenciamento da sexualidade". Os resultados indicaram que a Teoria da Subjetividade é eficaz em criar inteligibilidade sobre heteronormatividade, sair do armário e identidade gay, definindo a identidade gay como uma síntese de configurações subjetivas sobre sexualidade. O processo de sair do armário foi visto como um projeto político e emancipatório, em que os sujeitos desenvolvem autonomia para expressar suas identidades. As experiências de sair do armário revelaram-se complexas, refletindo pressões sociais, familiares, e o medo associado. As configurações subjetivas

	resultantes mostraram tensões simbólico- emocionais pela heteronormatividade. Os participantes relataram sentimentos de medo, raiva, ódio e frustração ao enfrentar expectativas heteronormativas, demonstrando um equilíbrio entre se assumir e esconder sua identidade. A pesquisa destacou a identidade gay como dinâmica e influenciada por contextos históricos, culturais e sociais, validando a TS para explorar essas questões.
Mendes e Mori (2023)	Destacam a influência negativa da heterossexualidade compulsória e da cisnormatividade nos processos subjetivos da comunidade LGBTQIA+. Esses fatores geram sofrimento psíquico, não pertencimento e não aceitação pela sociedade e famílias. A tentativa de se encaixar em padrões hegemônicos leva muitos indivíduos LGBTQIA+ a negar sua singularidade, impactando negativamente sua identidade e bem-estar. As relações familiares são cruciais, podendo reprimir comportamentos divergentes ou atuar como redes de apoio, promovendo enfrentamento à LGBTfobia. As amizades são vitais para a produção de sentidos subjetivos positivos. Este estudo ressalta a importância de considerar a diversidade de marcadores sociais, como classe e raça, evidenciando privilégios específicos. A pesquisa conclui que a TS de González Rey é relevante para compreender as dinâmicas subjetivas das famílias e da população LGBTQIA+, indicando a necessidade de estudos futuros que aprofundem essas questões e considerem a diversidade de experiências dentro da comunidade LGBTQIA+.

Apêndice C: Roteiro para Entrevista de História Oral Temática

(1) Dados Pessoais e Sociodemográficos

Nome fictício (a escolha do/a participante):

Idade:

Sexo:

Identidade de gênero:

Se tem ou não companheiro/as:

Cor/Raça:

Religião:

Cidade de origem:

Onde e com quem reside:

Área do programa de pós-graduação e ano de ingresso:

Bolsista do programa de pós-graduação? Trabalha? Se sim, em qual área?

Tempo semanal de dedicação à pós-graduação:

(2) “Conte-me sua história de vida”

Eu gostaria que você me contasse sua história da sua vida.

[Como assim? A partir do momento que você se sentir confortável (da infância, da adolescência, da vida adulta)]

(3) Questões temáticas.

- Os motivos de ingresso na pós-graduação *stricto sensu*.

Como foi sua trajetória escolar/acadêmica da graduação até a pós-graduação?

O que significou ingressar na graduação e pós-graduação? (se tinha expectativa de ingressar)

O que te motivou a buscar uma pós-graduação?

Como foi o processo de ingresso no programa de pós-graduação? (dificuldade e facilidades)

Você teve suporte/auxílio (familiar e profissionais) durante o ingresso?

*Como foi para você ser aprovado(a) em um programa de pós-graduação? /
Como foi para você estar matriculado(a) no programa de pós-graduação?
Qual foi a reação das pessoas mais próximas a você quando souberam da sua aprovação?*

- Os relacionamentos interpessoais com os colegas, professores e orientadores do programa de pós-graduação.

*Como foi o contato com seus colegas e professores em sala de aula?
Como foi a socialização entre vocês, os alunos?
Como você avalia seu contato com o/a orientador/a?
Como você percebe a receptividade do programa (secretaria, coordenadores etc.) de pós-graduação em relação aos alunos?
Você já presenciou algum momento desconfortável em relação à conduta dos professores, orientadores e/ou aluno, no que se refere à sua identidade de gênero? Se sim, como foi para você lidar com isso? Como a coordenação, professores e orientadores reagiu a isso?*

- Avaliação das disciplinas cursadas.

*As disciplinas na pós-graduação contribuíram para sua formação? Elas foram presenciais ou online?
Como você avalia essas disciplinas?*

- Experiências que os(as) levaram ao sofrimento psíquico durante o percurso acadêmico.

*Durante a pós, você teve alguma experiência que levou ao sofrimento psíquico?
Você pode falar sobre isso? (colegas, família, professores, orientadores)
(Qual é o sentido quando ela fala sobre “sofrimento psíquico” - é um discursomais biológico/patologizante? tem a ver com um sofrimento de ordem social?) Houve algo durante a pós que se tornou gatilho para experiências vivenciadas anteriormente? (disciplinas, relação com orientador, escrita da dissertação/tese etc)
Esses gatilhos eram compartilhados entre as experiências de outros alunos?*

- Modos de enfrentamento.

*Como você enfrentou essas situações que levaram ao sofrimento?
Como você avalia os seus recursos para enfrentamento?
Como você considera seus recursos em relação aos seus colegas do mestrado/doutorado?
O programa propõe algum suporte de saúde mental para os alunos? Você chegou a procurar?*

*Como a coordenação, docentes e orientadores lidaram com essa questão?
Você teve rede de apoio fora das relações do mestrado/doutorado?*

- Implicações do sofrimento psíquico nas relações interpessoais fora do contexto acadêmico.

*Como foi viver esse sofrimento dentro e fora do contexto acadêmico?
Você teve rede de apoio dentro e fora?
Você sentiu que teve impacto (positivo ou negativo) nas suas relações pessoais, familiares e afetivas? Quais?
O sofrimento vivido impactou os motivos iniciais da sua pesquisa (motivação pessoal de começar e também de terminar)?*

- Se já realizou ou realiza acompanhamento psiquiátrico e psicológico e se o acompanhamento guarda relação com a pós-graduação.

*Você fez/faz acompanhamento psicológico e psiquiátrico? Desde quando?
(demarcação de tempo ao utilizar esse suporte)
Você utiliza medicamentos?
Você percebeu alguma mudança nesse acompanhamento psicológico depois que entrou no mestrado/doutorado?*

Apêndice D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Sofrimento psíquico de estudantes trans na pós-graduação”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Djalma Moreira Mota Júnior e Renata Fabiana Pegoraro (orientadora).

Nesta pesquisa buscamos investigar aspectos relacionados ao sofrimento psíquico de estudantes trans no contexto acadêmico, especificamente, na pós-graduação lato sensu stricto sensu.

O Termo/Registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido de forma virtual antes do início da sua participação na pesquisa e coleta de dados. O consentimento será dado na primeira parte do preenchimento do Google Forms, com o termo descrito e a opção discursiva de aceitar ou recusar e seguir com o preenchimento dos dados de contatos pessoais. Além disso, no primeiro contato do pesquisador, certificaremos a possibilidade de assinatura digital nesse registro. Antes de concordarem participar da pesquisa, você pode entrar em contato com os pesquisadores, em tempo real, para discutir as informações do estudo. Você poderá entrar em contato, de segunda-feira a sexta-feira em horário comercial, com Djalma Moreira Mota Júnior, portelefone, (34) 998351592, e/ou por e-mail: djalmamoreira@ufu.br, ou com Renata Fabiana Pegoraro, por telefone (34) 3225-8534, por e-mail: renata.pegoraro@ufu.br e no endereço: Av. Pará, 1720 - Bloco 2C, Sala 47, Bairro Umuarama, Uberlândia - MG, CEP 38405-320.

Você tem o tempo que for necessário para decidir se quer ou não participar da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo. III da Resolução nº 510/2016).

Na sua participação, você agendaremos, de acordo com a sua disponibilidade de horários, uma data para realização de entrevista em formato remoto, de acordo com as orientações do OFÍCIO CIRCULAR nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021. Este encontro terá duração de até 90 minutos. Caso seja necessário, um segundo encontro será agendado conforme sua preferência para finalização da entrevista. Um terceiro encontro será agendado posteriormente para discutir a transcrição de sua entrevista, averiguando seu interesse em manter integralmente o que foi dito, ou realizar pequenos ajustes, como acrescentar algumas informações ou deletar algumas informações. A esse processo de verificação de entrevistas entre pesquisador e pesquisado chamamos de “transcrição”. O roteiro de entrevista que usaremos é dividido em três momentos de investigação: (1) dados pessoais e sociodemográficos (ex.: idade, sexo, identidade de gênero, área da pós-graduação, cidade de origem, cidade de residência, nível de graduação), (2) o relato livre de sua história de vida, (3) e por fim as questões específicas da pesquisa chamadas de questões temáticas (ex.: “os motivos de ingresso na pós-graduação”; “o relacionamento com os colegas, professores e orientadores”; “avaliação das disciplinas cursadas”; “experiências que os(as) levaram ao sofrimento psíquico durante o percurso acadêmico”; “modos de enfrentamento”; “implicações do sofrimento psíquico nas relações interpessoais”).

Você tem o direito de não responder qualquer questão, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal.

Você não terá nenhum gasto e nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Nós, pesquisadores, atenderemos as orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2: f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. Informamos que as gravações originais serão mantidas mesmo depois de transcritas.

É compromisso do pesquisador responsável a divulgação dos resultados da pesquisa, em

formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV).

Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Os riscos consistem em (a) desconforto durante, ou depois, da realização da entrevista de História de Vida Oral Temática, uma vez o/a participante poderá entrar em contato com suas experiências de vida e também de sofrimento psíquico. Para minimizar esse risco, o pesquisador estará disponível (via e-mail ou Whatsapp) para oferecer esclarecimentos. Além disso, o pesquisador entrará em contato com o(a) participante do estudo na semana seguinte à realização da entrevista, a fim de certificar a necessidade de ofertar um espaço de acolhimento, em uma entrevista de acompanhamento, e efetuada esta entrevista, se ainda assim o desconforto persistir, será ofertada pela equipe de pesquisa apoio no formato de plantão psicológico, podendo ser entre 1 a 3 sessões; b) Possível identificação dos participantes no relatório final da pesquisa, expondo aspectos pessoais. Para evitar isso, os dados relativos à identidade dos participantes serão mantidos em total anonimato. Os dados coletados serão utilizados unicamente para a realização da pesquisa. Para identificar os participantes no estudo, será utilizada a letra P seguida de um número: P1, P2, P3, etc ou nomes fictícios; c) Possível vazamento de dados audiovisuais, uma vez que essa pesquisa ocorrerá em ambiente virtual. Para minimizar isso, conforme as orientações do OFÍCIO CIRCULAR nº2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021, o pesquisador fará o download dos dados, ou seja, não haverá manutenção da entrevista em qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem", assegurando o sigilo e a confidencialidade das informações do(a) participante da pesquisa.

Para minimizar alguns riscos do ambiente virtual, é importante que você tenha todo o cuidado com a segurança e privacidade do local quando realizar o acesso às etapas virtuais da pesquisa para que sejam garantidos o sigilo e a confidencialidade necessários.

Os benefícios serão indiretos/nulos durante a realização da pesquisa. Todavia, após a conclusão do estudo, eles terão acesso à cópia da entrevista transcrita para, então, fazer sua leitura e, com isso, refletir sobre as suas experiências relacionadas ao sofrimento psíquico, bem como sobre as experiências dos demais participantes, o que lhes proporcionar um efeito terapêutico, sobretudo em relação a estratégias de enfrentamento ligadas ao sofrimento psíquico

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Para retirar o consentimento da pesquisa, você poderá nos informar do seu desejo por mensagem, ligação de áudio/vídeo e/ou pelo e-mail da equipe executora que foram disponibilizados anteriormente.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deve ser salvo nos seus arquivos clicando no link

https://drive.google.com/drive/folders/1GtOcx8h7UnVIpnfRinA3NhotzuGRKPKQ?usp=drive_link. Este termo está assinado pelo(a) pesquisador(a) responsável, e contém seu telefone e endereço para que você possa tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação.

Em qualquer momento, caso tenha qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com Djalma Moreira Mota Júnior, por telefone,

(34) 998351592, e/ou por e-mail: djalmamoreira@ufu.br, ou com Renata Fabiana Pegoraro, por telefone (34) 3225-8534, por e-mail: renata.pegoraro@ufu.br e no endereço: Av. Pará, 1720 - Bloco 2C, Sala 47, Bairro Umuarama, Uberlândia - MG, CEP 38405-320.

Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilhanho link: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf.

Você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, campus Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408- 100; pelo telefone (34) 3239-4131 ou pelo e-mail cep@propp.ufu.br. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante de pesquisa

Anexo A: Convite para participação na pesquisa

Na íntegra: <https://forms.gle/7JWm1S1usz5kHMbD6>



Convite para participar da pesquisa "Sofrimento psíquico de estudantes trans na pós-graduação".

B I U  

Esse formulário objetiva convidar os/as colaboradores/as que desejam participar da coleta de dados dessa pesquisa, intitulada "Sofrimento psíquico de estudantes trans na pós-graduação", sob a responsabilidade dos pesquisadores, Djalma Moreira Mota Júnior (orientando) e Renata Fabiana Pegoraro (orientadora), vinculados ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição proponente do estudo, sob o número de parecer: 5.796.271.

O objetivo desse estudo é identificar a existência e os motivos de sofrimento psíquico de estudantes trans na pós-graduação. Será adotada, neste estudo qualitativo, a entrevista de História de Vida Oral Temática como metodologia, que objetiva registrar as experiências individuais de cada participantes, abordando, no primeiro momento do roteiro, aspectos pessoais e sociodemográficos; em seguida, propõe-se uma investigação da história de vida do(a) participante exposta de forma livre e, por fim, o roteiro de entrevista propõe a investigação de questões temáticas. Para participar desse estudo, os critérios de inclusão são: estudantes trans regularmente matriculados em programas de mestrado e doutorado em Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil; acima de 18 anos; dispor de aparelhos e serviços de internet para ceder à entrevista, aceitar participar livremente do estudo por meio do consentimento do TCLE.

B I U    



Anexo B: Parecer e Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Sofrimento psíquico de estudantes trans na pós-graduação.

Pesquisador: Renata Fabiana Pegoraro

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 65230622.2.0000.5152

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFU

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.264.725

Apresentação do Projeto:

Trata-se de EMENDA do protocolo de pesquisa aprovado sob o Parecer Consubstanciado nº 5.796.271, de 06 de dezembro de 2022.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO

Identificar a existência e os motivos de sofrimento psíquico de estudantes trans de pós-graduação stricto sensu.

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

Caracterizar e como se deu o acesso ao ensino superior e à pós-graduação stricto sensu; Identificar os desdobramentos do sofrimento psíquico nos modos de vida e o percurso na pós-graduação segundo esses estudantes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

A pesquisa em tela envolve os seguintes riscos:

a) Desconforto durante, ou depois, da realização da entrevista de História de Vida Oral Temática,

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4131

E-mail: cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 6.264.725

uma vez que o/a participante poderá entrar em contato com suas experiências de vida e também de sofrimento psíquico. Para minimizar esse risco, o pesquisador estará disponível (via e-mail ou Whatsapp) para oferecer esclarecimentos. Além disso, o pesquisador entrará em contato com o(a) participante do estudo na semana seguinte à realização da entrevista, a fim de certificar a necessidade de ofertar um espaço de acolhimento, em uma entrevista de acompanhamento, e efetuada esta entrevista, se ainda assim o desconforto persistir, será ofertada pela equipe de pesquisa apoio no formato de plantão psicológico, podendo ser entre 1 a 3 sessões.

b) Possível identificação dos participantes no relatório final da pesquisa, expondo aspectos pessoais. Para evitar isso, os dados relativos à identidade dos participantes serão mantidos em total anonimato. Os dados coletados serão utilizados unicamente para a realização da pesquisa e armazenados apenas pelo tempo necessário para o estudo, sendo excluídos depois disso. Para identificar os participantes no estudo, será utilizada a letra P seguida de um número: P1, P2, P3, etc ou nomes fictícios.

c) Possível vazamento de dados audiovisuais, uma vez que essa pesquisa ocorrerá em ambiente virtual. Para minimizar isso, conforme às orientações do OFÍCIO CIRCULAR nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021, o pesquisador fará o download dos dados, não sendo indicado a sua manutenção em qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem", assegurando o sigilo e a confidencialidade das informações do(a) participante da pesquisa.

BENEFÍCIOS

Os participantes não terão benefícios diretos durante a realização desta pesquisa. Todavia, após a conclusão do estudo, eles terão acesso ao relatório final para, então, fazer sua leitura e, com isso, refletir sobre as suas experiências relacionadas ao sofrimento psíquico, bem como sobre as experiências dos demais participantes, o que lhes proporcionar um efeito terapêutico, sobretudo em relação a estratégias de enfrentamento ligadas ao sofrimento psíquico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

De acordo com as pesquisadoras "A modificação visa expandir o acesso ao grupo-alvo da pesquisa, considerando tanto a pós-graduação lato sensu quanto a stricto sensu, a fim de aprofundar a compreensão das experiências e desafios enfrentados por estudantes trans nesse

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4131

E-mail: cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 6.264.725

nível educacional."

As alterações foram principalmente para aumentar o público-alvo (a pós-graduação *latu sensu*) na pesquisa objetivando alcançar maior número de possíveis participantes, assim, os termos tiveram ajustes na amplitude do tema, mas não houve alteração do método de execução da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram observados óbices éticos nos documentos da emenda. O CEP/UFU está ciente da emenda enviada para apreciação.

Prazo para a entrega do Relatório Final ao CEP/UFU: SETEMBRO/2024.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_2198716_E1.pdf	23/08/2023 09:52:52		Aceito
Outros	Folha_Rosto_Pegoraroassinado.pdf	23/08/2023 09:50:19	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
Outros	Ementa_Lattes.pdf	22/08/2023 14:45:31	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
Outros	Ementa_Instrumento.pdf	22/08/2023 14:44:42	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	JustificativaEmentaassinadoassinado.pdf	22/08/2023 14:41:07	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_Compriso_e_Confidencialidade_da_Equipe_Executora_versaoemtaassinadoassinado.pdf	21/08/2023 09:52:14	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4131

E-mail: cep@propp.ufu.br

Continuação do Parecer: 6.264.725

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Ementa_TCLE.pdf	21/08/2023 09:48:46	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Ementa_ProjetoDetalhado.pdf	21/08/2023 09:48:27	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
Outros	CartaResposta.pdf	03/12/2022 10:13:00	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoAtualizado.pdf	03/12/2022 10:12:40	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEatualizado.pdf	03/12/2022 10:12:33	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermoCompromissoEquipeExecutora.pdf	16/11/2022 12:16:48	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	16/11/2022 12:16:18	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
Outros	Instrumento.pdf	15/11/2022 15:49:39	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
Outros	Lattes.pdf	15/11/2022 15:49:25	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	15/11/2022 15:47:08	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado.pdf	15/11/2022 15:46:53	Djalma Moreira Mota Júnior	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERLANDIA, 28 de Agosto de 2023

Assinado por:
ALEANDRA DA SILVA FIGUEIRA SAMPAIO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLANDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4131

E-mail: cep@propp.ufu.br